

**Identidade e Memória em Manuscritos  
e Impressos Pernambucanos: língua, história e cultura  
através dos textos**



**Thiago Nunes Soares (Org)**  
**Valéria Severina Gomes (Org)**

**Identidade e Memória em Manuscritos  
e Impressos Pernambucanos: língua, história e cultura  
através dos textos**

**Governo do Estado de Pernambuco**  
**Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura**





***Organização da Cartilha***

Thiago Nunes Soares  
Valéria Severina Gomes

***Produção Cultural***

Thiago Nunes Soares

***Elaboração do Projeto e Coordenação da Pesquisa***

Valéria Severina Gomes

***Diagramação da Cartilha, Capa e Plano de Divulgação***

Paulo Moraes Júnior

***Preparação dos originais***

Andréa de Souza e Silva  
Priscilla Elizabeth da Silva Costa Ferreira  
Thiago Nunes Soares

***Revisão***

Responsabilidade dos autores

***Equipe de Pesquisa***

Andréa de Souza e Silva  
Cleber Ataíde  
Priscilla Elizabeth da Silva Costa Ferreira  
Rose Mary Fraga  
Tarcísia Travassos  
Thiago Nunes Soares  
Valéria Severina Gomes

***Acervos***

Arquivo Histórico Ultramarino – Projeto Resgate  
Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano  
Arquivo Público Estadual da Paraíba  
Diário de Pernambuco  
Fundação Gilberto Freyre  
Fundação Joaquim Nabuco  
Mosteiro de São Bento

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**FICHA CATALOGRÁFICA**



## Sumário

<b>Apresentação</b>	<b>09</b>
<b>Prefácio Irandé Antunes</b>	<b>12</b>
<b>Prefácio Marlos de Barros Pessoa</b>	<b>13</b>
<b>Prefácio Isabel Cristina Martins Guillen</b>	<b>14</b>
<b>Aspectos sócio-históricos e linguísticos em cartas administrativas do período colonial e republicano de Pernambuco</b>	<b>15</b>
<i>Cleber Ataíde e Thiago Nunes Soares</i>	
<b>Cartas particulares: história das pessoas, da sociedade e da linguagem</b>	<b>27</b>
<i>Tarcísia Travassos e Priscilla Elizabeth da Silva Costa Ferreira</i>	
<b>Editorial: a voz do jornal na imprensa pernambucana dos séculos XIX e XX</b>	<b>39</b>
<i>Valéria Severina Gomes</i>	
<b>A cidade do Recife escrita pelos sujeitos autores das cartas de leitor: uma cidade, muitas histórias</b>	<b>49</b>
<i>Andréa de Souza e Silva</i>	
<b>Anúncios: o comércio de coisas e de gente</b>	<b>59</b>
<i>Rose Mary Fraga</i>	



## **Apresentação**

Caros(as) leitores(as), esta cartilha é fruto e também recebe o nome do projeto cultural intitulado “Identidade e Memória em Manuscritos e Impressos Pernambucanos: Língua, História e Cultura através dos Textos”, aprovado e fomentado pelo Sistema de Incentivo à Cultura – FUNCULTURA - do Governo do Estado de Pernambuco, sob o número 0256/11. Esse projeto, elaborado e coordenado por Valéria Severina Gomes, é uma ramificação de um projeto de pesquisa denominado “Tradição Discursiva e Letramento: a Historicidade da Língua(gem) e dos Gêneros Jornalísticos do Século XIX Aplicada ao Ensino”, aprovado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal Rural de Pernambuco, de onde partiu a concepção desse material que chega em suas mãos.

O projeto contou com a produção cultural de Thiago Nunes Soares, que também faz parte da equipe de pesquisadores e auxiliares de pesquisa composta por: Andréa de Souza e Silva, Cleber Ataíde, Priscila Elizabeth da Silva Costa Ferreira, Rose Mary Fraga, Tarcísia Travassos, Thiago Nunes Soares e Valéria Severina Gomes. Todos também fazem parte da equipe pernambucana do projeto nacional Para a História do Português Brasileiro (PHPB). Durante 12 meses, esse grupo participou de reuniões periódicas, da coleta de documentos e da elaboração dos artigos que compõem esta cartilha. A ideia que unificou esse grupo foi fazer com que as reflexões que ocorrem no campo da pesquisa cheguem mais perto do(a) professor(a)-pesquisador(a) que está na sala do Ensino Básico. Este(a) é o(a) nosso(a) principal leitor(a).

Além desta cartilha, serão produzidos um CD, que a acompanha, e um site, disponibilizando textos representativos do nosso patrimônio linguístico-cultural dos séculos XVIII, XIX e XX, contidos nos três suportes. Este projeto tem em foco a concepção básica de que a língua materializa aspectos culturais, históricos, identitários e ideológicos e é, portanto, um patrimônio a ser estudado e preservado, considerando a sua dinamicidade. A motivação para a realização do projeto surgiu inicialmente do desejo de despertar a consciência da preservação dos documentos, de desenvolver um trabalho que pudesse integrar áreas afins do conhecimento e de estimular o interesse pela investigação em parceria com os(as) colegas professores e os seus alunos.

Nesse sentido, os textos selecionados (carta oficial, carta particular, editorial, carta de leitor e anúncio) tiveram a análise norteada por três pontos de observação correspondentes a três eixos. No primeiro, será discutido o eixo da leitura, que, dentre outras questões, traz à tona a reconstrução da *performance* dos textos e os diferentes procedimentos de leitura ao longo do tempo. Este ponto pauta-se nas concepções atuais de leitura, como as apresentadas por Lima (2007:122-123)<sup>1</sup>:

---

<sup>1</sup> LIMA, M. L. C. A leitura como atividade interdisciplinar e a formação do professor. In: MATTE, A. C. F. (Org.). **Língua(gem), texto, discurso**, v.2: entre a reflexão e a prática. Rio de Janeiro: Lucerna; Belo Horizonte, MG: FALE/UFMG, 2007pp 122-135.

- a leitura como atividade essencial para todas as matérias e como habilidade que todas as disciplinas devem desenvolver;
- a leitura como uma atividade situada, que demanda diferentes estratégias e abordagens a depender do gênero a ser lido e da função dessa leitura.

No segundo ponto, o eixo contemplado é a escrita, cujos assuntos em destaque são a língua e as tradições discursivas, com abordagens e reflexões sobre o português brasileiro e as condições de produção dos gêneros discursivos que circularam em Pernambuco do século XVIII ao XX.

O terceiro ponto, correspondente ao eixo da preservação do patrimônio histórico-cultural, é de importância indiscutível sob a ótica de uma proposta interdisciplinar e cidadã, pois colabora com o despertar das consciências para a importância de se contar a história, preservar um patrimônio e socializar conhecimentos.

Em virtude desses três pontos, não importa apenas a seleção dos manuscritos e impressos, mas o exame das condições de produção e o contexto em que foram produzidos, a sua função social, o modo como são reportados para os seus suportes e deles retornam para a sociedade, os interlocutores envolvidos e, ainda, os elementos linguístico-discursivos que os constituem. A partir desses estudos, observarmos as possíveis aplicações ao ensino na interface entre a História e a Língua(gem).

O percurso metodológico para este trabalho incluiu o registro fotográfico ou digital de documentos impressos ou microfilmados de gêneros jornalísticos do século XIX e XX e manuscritos dos séculos XVIII a XX disponíveis nos acervos pernambucanos mencionados na folha da ficha catalográfica. Optamos por esse tipo de registro devido à sua credibilidade e capacidade de relatar, expressar e interpretar o percebido pelos olhos do sujeito que interage com essas escrituras e de dizer algo sobre a realidade. Em todos os casos haverá a edição semidiplomática e procuraremos manter a originalidade dos textos, seguindo as notações de ordem filológica para a transcrição organizadas por Guedes & Berlinck (2000:12)<sup>2</sup>. Todas as referências bibliográficas utilizadas encontram-se nas notas de rodapé e nos quadros Saiba Mais presentes nos artigos.

No primeiro capítulo, estudaremos, a partir das cartas da administração pública de Pernambuco, a história do Estado e alguns aspectos da nossa língua registrados na escrita desses documentos. As cartas que iremos ler são documentos oficiais de caráter administrativo, emitidos por órgãos públicos com diversos propósitos comunicativos, como: solicitar esclarecimentos, fazer pedidos, emitir e notificar pareceres, requerer informações *etc.*

---

<sup>2</sup> GUEDES, Marymarcia & BERLINK, Rosane de Andrade (Ed.). E os preços eram commodos – Anúncios de jornais brasileiros século XIX. São Paulo: Humanitas, 2000.

No segundo capítulo, trataremos de outro tipo de carta: a particular. A carta é uma das formas mais antigas de interação entre as pessoas. As cartas pessoais têm características que as tornam fontes importantes para a construção do conhecimento sobre a nossa história. Dessa maneira, veremos como a análise da carta pode ampliar o nosso saber histórico e comunicativo.

No capítulo que aborda o editorial, iniciaremos a discussão a partir da contextualização sócio-histórica e cultural do período de circulação dos textos selecionados, no período do século XIX ao XX, o que corresponde ao recorte temporal desta abordagem da imprensa pernambucana. A proposta de trabalho interdisciplinar com os editoriais procura contemplar os quatro eixos que se complementam na prática pedagógica da língua portuguesa: a leitura, a escrita, a análise linguística e a oralidade.

Ainda no domínio jornalístico, as cartas de leitor não apenas revelam as histórias da cidade do Recife, mas a história da língua portuguesa, pois ela também mudou com o passar do tempo. Para desvelar as histórias do Recife de outrora, encontraremos, no quarto capítulo, uma narrativa a partir dos rastros produzidos pelos homens que vivenciaram um tempo passado e tinham o hábito de escrever para os jornais, os autores das cartas de leitor.

No último capítulo, acompanharemos o trabalho com o gênero textual anúncio em diferentes momentos da história, buscando mostrar suas características e funções ao longo do tempo. Esse percurso histórico pode nos trazer dados importantes sobre a língua e sobre as mudanças socioculturais.

Queremos finalizar esta apresentação agradecendo a Ana Paula Macena, Carolina Cavalcanti, Cláudia Silva, Daniela Forcioni, Danielly Vieira, Jemima Vitória Leite de Souza, Jéssica Pereira da Silva, Manoel Pedro Vieira Filho, Mari Noeli Kiehl Iapechino, Maurício Vieira da Silva, Patrycia Siqueira C. Ferreira, Pedro Henrique Corrêa Silva e Samara Falcão Gian Carlo de Melo, Bruno Kawai, Irmão Cassiano e dom Filipi da Silva (abade do Mosteiro de São Bento), que não atuaram diretamente neste projeto, mas colaboraram na coleta e na edição dos documentos do nosso banco de dados. Desejamos que esta cartilha possibilite a todos(as) os leitores(as) boas leituras, bons trabalhos e boas ideias.

***Os Organizadores***

## **Prefácio à cartilha**

### **Irandé Antunes**

Dá uma sensação confortável – com sabor de vitória – perceber que, hoje, os textos constam, nas propostas de estudo da língua, não para, a partir deles, apenas, identificar substantivos, adjetivos ou sujeitos e predicados, com suas quase infindáveis classificações, nem todas significativas para o exercício da linguagem na interação cotidiana.

Assim, apreciar esta cartilha, que agora chega a nós, professores, constitui uma dessas oportunidades confortáveis. Afinal, primeiramente, torna-se real uma proposta de estudo do texto autêntico, com data e lugar de origem e, não de frases soltas, artificiais, inventadas, do tipo “O boi baba.”; “Mimi mia.”; “Ivo vê a uva.” - (quem se lembra?). Em segundo, como disse, o estudo é proposto com o objetivo de se apreender nos textos aspectos da historicidade da língua, de sua vinculação a um espaço/tempo da cultura nacional, de seu pertencimento a um grupo concreto de interlocutores, endereçados e submetidos às particularidades de uma visão de mundo determinada.

Trata-se, pois, de uma cartilha bem diferente daquelas que passaram por nossas mãos, décadas atrás. Nesta, se oferece aos professores e alunos, repito, a oportunidade de se refletir sobre o caráter histórico, social e político da língua, sobre sua inexorável tendência para a mudança, para a flexibilidade de forma, de função e de sentido, para sua natureza de entidade que só existe se estiver a serviço dos indivíduos e seus respectivos grupos sociais. Prova, afinal, que não estão sendo em vão os esforços arquitetados por linguistas e pedagogos, no sentido de que as mudanças na orientação para o estudo da linguagem aconteçam. Podem ser lentos; por vezes, quase imperceptíveis; mas acontecem; vão se delineando com mais ou menos força aqui e ali. E vão fazendo com que se descubra uma língua que é atestado de uma história, patrimônio de uma cultura, expressão de uma trajetória e de todos os acontecimentos que a teceram.

Só podemos nos regozijar com trabalhos deste teor, resultado de pesquisas sobre a língua que aconteceu, que continua acontecendo, como testemunho de um povo que fez e faz a sua história, na mistura das cores, das raças, dos sons, dos nomes, das prosas, dos versos, dos cânticos... Sons, palavras e textos que fizeram calar o boi – *que já não baba*, do gato, *que já não mia* em nossas salas de aula. Hoje *Ivo não vê a uva*. Estima-se que *Ivo saboreie a uva*, irrigada com a esperança que fez a história de Pernambuco...



## **História da Língua e dos Textos**

**Marlos de Barros Pessoa (UFPE)**

Os estudos linguísticos, quando começam a ganhar foros de cientificidade, no século XVIII, surgem da comparação entre línguas – o Comparativismo – e se aproximam rapidamente dos estudos históricos. A comparação de línguas, na busca de semelhanças, encontrava formas que representavam estágios mais antigos em uma ou mais das línguas postas em comparação. Na Antiguidade, a preocupação filológica também se inspirava no interesse de preservação de textos literários mais antigos (por exemplo, Homero) como modelos para o ensino e sua correção.

Nos séculos XIX e XX prevaleceu uma perspectiva atomística da mudança linguística. Estudava-se a mudança fonológica, a transformação da língua latina nas línguas românicas. Também o mesmo se fazia em relação à morfologia, à sintaxe e se identificavam algumas figuras de linguagem, propiciadas pelo estudo da Retórica. Nesse sentido, os textos – colecionados em *crestomatias* – serviam para apresentação de monumentos literários das línguas e, ao mesmo tempo, para se identificarem os fenômenos arrolados pelas gramáticas históricas ou para identificação de formas ou construções obscuras, que exigiam uma investigação em textos mais antigos para elucidação desses casos.

Com o advento da Linguística de Texto (LT) nos anos 60, superando os limites da frase, o texto pôde ser investigado historicamente. Esse ramo da Linguística ensejou o estudo dos gêneros, ou seja, um conjunto de espécies de textos com as mesmas características. Na Alemanha, onde desde cedo a LT ganhou terreno, ao lado da arraigada tradição filológica daquele país, essa perspectiva histórica se configurou com os estudos das tradições discursivas, *Diskurstradition*, concebido por Eugenio Coseriu e expandido por Brigitte Schlieben-Lange e outros seguidores, que no Brasil também já conta com vários pesquisadores.

A cartilha, ora entregue, contempla a perspectiva da história textual de forma bastante elucidativa com as tradições discursivas, quer manuscritas, quer impressas.

## ***Língua viva tem história!***

**Isabel Cristina Martins Guillen**

*A língua é minha pátria.*

(...)

*O que pode esta língua?*

*(Língua, de Caetano Veloso)*

Diversos poetas e escritores já falaram que a língua é viva e dinâmica. Outros muitos estudiosos apontaram para sua transformação e inquestionável caráter histórico. Mas, ainda assim, nós temos muitas dificuldades em percebê-la dessa forma. É em boa hora, portanto, que vem a público este livro, dirigido essencialmente a professores, e que objetiva ajudá-los a trabalhar na sala de aula com estes aspectos tão relegados da língua: sua dinamicidade e historicidade.

Nestas páginas, encontraremos as mais recentes discussões acadêmicas acerca da historicidade da língua e poderemos nos atualizar acerca dos debates que são travados nas universidades sobre o tema. Mas não só isso! O livro é acompanhado de diversas sugestões de atividades dirigidas aos alunos, tornando o estudo da língua, em sua dimensão histórica, uma tarefa interessante e prazerosa.

No desenvolvimento dessas atividades e discussões, professores e alunos podem ter acesso a outras dimensões da língua, nem sempre perceptíveis na maior parte das análises presentes no campo dos estudos linguísticos, ou seja, seus aspectos culturais e políticos; e, em decorrência, as contribuições que o uso da língua confere à construção de identidades.

Em meio a documentos administrativos, editoriais de jornais do século XIX e XX, cartas de leitores e anúncios, professores e alunos terão a oportunidade de, ao trabalhar com essa documentação, discutir outras facetas da língua, notadamente seu caráter patrimonial. Este livro procura mostrar que a língua deve ser abordada em sua historicidade, mostrando as diferenças nos seus usos ao longo dos séculos. E é precisamente este fato que contribui para ressaltar que somos portadores, nas diversas formas como falamos e escrevemos, de um rico patrimônio linguístico e cultural. A história e os estudos linguísticos saem enriquecidos deste debate, bem como alunos e professores que podem se conscientizar deste aspecto e contribuir para a preservação de nossos patrimônios culturais.

spondencias.

# A verdadeira ameaça

Barreto Leite FILHO

a nova era renasce para Per  
o que um sentimento com  
em todo este povo depoi  
dor deixou uma ar  
as classes e

o presidente Troncoso  
decompreensão para  
pela massa um dos lados da  
inteligência de São Paulo e de  
região, a julgar por uma espe  
de de apêndice que se dirigiu  
para de acompanhamento de um

para um que se Estado Un  
do, não tem sido apenas  
do tipo militar, mas  
vários, a imprensa, a  
de os seus, a universidade, a  
participando em todos os  
ratos, sendo alguns que  
também incluem um a admi  
nistrativa de São Paulo, que  
de de São Paulo, que  
de de São Paulo, que

de São Paulo, que  
de São Paulo, que  
de São Paulo, que  
de São Paulo, que  
de São Paulo, que  
de São Paulo, que  
de São Paulo, que  
de São Paulo, que

de São Paulo, que  
de São Paulo, que  
de São Paulo, que  
de São Paulo, que  
de São Paulo, que  
de São Paulo, que  
de São Paulo, que  
de São Paulo, que

## ATOS DO GOVERNO FEDERAL

## ATOS DO GOVERNO ESTADUAL

DO

# Justiça Eleitoral proíbe propaganda

Boi

de carroça que seja gres  
magro, mas se for gres  
magro, mas se for gres  
magro, mas se for gres

Senhor de Guine  
Pernambuco, que por ser inconvenient  
presente me e canis q  
Lays e

Aspectos sócio-históricos e linguísticos  
em cartas administrativas do período colonial e republicano de  
Pernambuco





**Cleber Ataíde<sup>3</sup>**

**Thiago Nunes Soares<sup>4</sup>**

Caro(a) professor(a), neste primeiro capítulo de nossa cartilha, estudaremos, a partir das cartas<sup>5</sup> da administração pública de Pernambuco, a história do Estado e alguns aspectos da nossa língua registrados na escrita desses documentos. As cartas que iremos ler são documentos oficiais de caráter administrativo, emitidos por órgãos públicos com diversos propósitos comunicativos, como: solicitar esclarecimentos, fazer pedidos, emitir e notificar pareceres, requerer informações *etc.*

Analisaremos duas cartas coletadas para abordar parte da nossa história. A primeira está sob a guarda do Arquivo Público do Estado da Paraíba e a segunda no Mosteiro de São Bento de Olinda. Começaremos com o estudo de uma carta escrita no período em que Pernambuco ainda era uma província de Portugal. Depois, analisaremos outra correspondência oficial da Faculdade de Direito de Pernambuco, uma instituição ícone que, pela história, revela-nos a importância política e intelectual do nosso Estado no cenário nacional.

### **Um pouco de História através das cartas oficiais**

Foi no século XVI que se iniciou a exploração da única colônia portuguesa na América. Em 1534, a capitania de Pernambuco foi doada a Duarte Coelho Pereira, influente navegador português, filho bastardo de família nobre do Entre-Douro e Minho, que fundou Igarassu, Olinda e Recife e iniciou o cultivo da cana-de-açúcar, o chamado ouro branco, na América<sup>6</sup>.

---

<sup>3</sup> Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba e professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco, campus Serra Talhada. Atua como pesquisador nos projetos Para História do Português Brasileiro (PHPB/PE) e Identidade e Memória em Manuscritos e Impressos Pernambucanos: língua, história e cultura através dos textos (FUNDARPE - Funcultura).

<sup>4</sup> Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Atua como produtor cultural e pesquisador do projeto desta cartilha, professor da Secretaria de Educação de Caruaru/PE e revisor pedagógico da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: thiagonsoares@hotmail.com.

<sup>5</sup> Estamos considerando carta oficial de caráter administrativo todos os documentos emitidos por instituições públicas no período que compreende os séculos XVIII, XIX e XX, encontrados no Arquivo Público do Estado de Pernambuco, na Fundação Joaquim Nabuco e no Arquivo Público do Estado da Paraíba. As cartas oficiais são requerimentos, pareceres, certificados de patente, relações de presos, listas de nomes e donativos, atas de reunião, notificações, atestados, mensagens do Príncipe Regente, listas de escravos libertados, Fundo de Emancipação de vários municípios.

<sup>6</sup> Algumas cartas escritas por Duarte Coelho no período colonial foram publicadas em MELLO, José Antônio Gonsalves de; ALBUQUERQUE, Cleonir Xavier de Albuquerque. *Cartas de Duarte Coelho ao El Rei*. 2ª Ed. Recife: Ed. Massangana, 1997.

Ainda no século XVI, Olinda tornou-se uma relevante vila do império Português Ocidental (América Portuguesa). Pernambuco era responsável administrativamente pelas regiões que hoje são os Estados de Alagoas, Ceará Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Até meados do século XVIII, a capitania pernambucana, que originalmente se estendia do Rio Igarapé ao Rio São Francisco, tornou-se um importante **núcleo econômico** do Brasil e, por isso, recebeu o título de a *Nova Lusitânia*.

Pernambuco era responsável administrativamente pelas regiões que hoje são os Estados de Alagoas, Ceará Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Na carta a seguir, escrita ao Governador da Capitania da Paraíba por Joze Cesar de Menezes, então governador da Capitania de Pernambuco, é possível identificar a primazia que o nosso Estado tinha em relação a outras regiões como: Alagoas, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e parte da Bahia. Naquela época, toda documentação e solicitação à Coroa Portuguesa era dirigida, primeiramente, ao governador de Pernambuco. Vamos ler a correspondência oficial que data de 20 de janeiro de 1780:

As recrutadas que Vossa Senhoria remeteo foraõ entregues menos Antonio | Ferreira de Figueiredo que não veyo, dos que vieraõ tornaõ ahir Manoel Mendes | e Joze Gonçalves por doentes como a Vossa Senhoria mostro pela certidão incluza e Lou | renço da Cruz por ser Indio enaõ dever servir nas Tropas pagas sem a qualidade | degente. || Quando Vossa Senhoria meremeter recrutadas as deve primeiro fazer exa | minar pelo Sirurgião Mor dessa Tropa, cazo que elle entenda que couza hé | molestia, para ver sesaõ capazes para o Serviço, enão virem homens doentes, | einuteis como agora sucede, alem dedois Cabras de carapinha fechada | que Vossa Senhoria remeteo sem que Eu lho ordenasse. || Os Dezertores, Soldado Igna | cio Martins, tãobem foraõ entregues; eo Cabo deEsquadra José Fernandes aten- | ta aqueixa que Vossa Senhoria delle forma: fica compraça emhum destes Regimentos. | ] Advirto mais a Vossa Senhoria que de nenhuma forma consinta que nos corpos Auxiliares sirvaõ ese assente praça senão ahomens cazados, eFilhos Unicos de Viuva, | edenhum sorte aos nossos solteiros os quaes devem ficar nas Ordenanças, | para quando sepresizar delles para as Tropas pagas haveremnos com abundancia.

Deus Guarde A Vossa Senhoria 20 de Janeiro de 1780

Joze Cezar de Menezes (rubrica)

PS: Como as recrutadas chegaraõ. | no dia 20 leva oSargento | Oresto do Socorro que Trousse

Senhor Jerônimo José de Mello e Castro  
Coronel Governador da Capitania da Paraíba<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Documento disponível no CD da cartilha e no site [www.manuscritosimpressospe.com.br](http://www.manuscritosimpressospe.com.br).

Ao ler a carta, certamente, notamos o texto um pouco diferente daqueles que estamos acostumados a ler. De fato, a carta<sup>8</sup> é diferente quanto à ortografia das palavras, à acentuação gráfica, à pontuação e à organização dos parágrafos. Até o surgimento da imprensa que só ocorreu no século XIX, muitos documentos oficiais eram [manuscritos] em papel almaço, redigidos quase em única coluna e, às vezes, em um só parágrafo, trazendo apenas um ponto final.

É possível verificar nesta carta um passado que traz características linguísticas que vão da norma culta da língua da época a variantes de menor prestígio. Em certas passagens, encontramos uso de variantes morfossintáticas e léxicas que normalmente não se empregam em textos mais atuais. As palavras *incluza*, *sirurgiaõ*, *cazo*, *couza*, *tãobem* são exemplos que constituem variantes do passado de nossa língua.

A variação do registro de algumas palavras nos documentos do século XVIII pode ser justificada por duas razões: a) as cartas eram redigidas por *escribas* que apresentavam, em maior ou menor grau, conhecimento sobre as normas da escrita culta; b) não havia normatização oficial da ortografia da língua portuguesa<sup>9</sup> no período em que carta foi escrita.

Muitas vezes, os desvios ortográficos encontrados em documentos desta época eram resultado das hipóteses dos escribas sobre a língua. Podemos observar que para registrar ortograficamente algumas palavras com a letra [s] entre duas vogais, o escriba pressupõe uma hipótese igualmente utilizada por crianças no período da alfabetização escolar: o fonema /s/ no contexto em que está entre duas vogais, geralmente, tem som de [z]. Essa não correspondência entre o som e a letra é comum na língua portuguesa e costuma ser uma fase de experimentação e hipótese sobre o registro escrito. Na carta acima, encontramos a mesma situação quando se registra as palavras *incluza*, *cazo*, *couza*, que são palavras escritas com [s] e não com [z], de acordo com a ortografia atual.

O **escriba** ou **escrivão** era responsável, a mando do regente pela redação de normas e cartas.

Carta oficial do século XVIII coletada no Arquivo Público do Estado da Paraíba e publicada em FONSECA, Maria Cristina de Assis Pinto. Cartas oficiais da Paraíba dos Séculos XVIII e XIX. João Pessoa: Idéia, 2004.



<sup>8</sup> Um estudo detalhado sobre as cartas administrativas encontra-se em FONSECA, Maria Cristina de Assis Pinto. **A escrita oficial**: manuscritos paraibanos dos séculos XVIII e XIX. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2005.

<sup>9</sup> A primeira normatização ortográfica oficial ocorreu em 1911, liderada pelo filólogo Gonçalves Viana que defendeu a simplificação da língua e seu distanciamento do latim, a fim de unificar e simplificar a escrita entre Brasil e Portugal, pois, até então, não havia qualquer registro de normas ortográficas.

Essa fase de experimentação e indefinições da ortografia do português durou aproximadamente até o século XIX, período em que a ortografia passou a ser mais estável por conta do acesso à leitura e à escrita que as pessoas passaram a ter com o surgimento da imprensa no Brasil. A invenção da imprensa fez com que as mesmas obras pudessem ser lidas exatamente com o mesmo texto em lugares diferentes. Antes, eram reproduzidos em versões manuscritas e produzidos a bico-de-pena por vários profissionais.

A conclusão que podemos chegar depois dessa ida rápida ao passado através de um carta do período colonial pernambucano é que **os textos, o modo de ler os textos, a língua e, conseqüentemente sua ortografia, se renovam com o passar do tempo.**

Vários outros aspectos poderiam ser abordados a partir desta carta que acabamos ler. A seguir, apresentamos algumas possibilidades de situações didáticas que o professor poderia desenvolver em sala de aula com o objetivo de analisar e sistematizar as noções e normas gramaticais e lexicais próprias do gênero em estudo.

### Sugestões de Atividades de Aprendizagem

- 1) Como todo e qualquer gênero, as cartas oficiais do século XVIII também expressavam um propósito comunicativo, além de vários aspectos das transformações sociais e culturais que podem ser recuperados e discutidos na sala de aula. Após leitura do gênero, são relevantes atividades em que os alunos possam, por exemplo: explicitar o tema e o objetivo da carta; identificar o(s) destinatário(s) e suas condições de participação no evento comunicativo; identificar as formas de abertura e fechamento da correspondência; verificar as normas de polidez e as formas de tratamento, bem como as convenções de apresentação do gênero.
- 2) Em gramáticas e em dicionários, é possível fazer uma pesquisa sobre as principais mudanças ortográficas da língua portuguesa que ocorreram e as datas dessas alterações. Com ajuda do professor de História, o aluno pode relacionar as datas das alterações ortográficas com a história econômica e social do Brasil e de Portugal.
- 3) Outra atividade adequada seria o professor fazer com que os alunos refletissem, a partir do trecho abaixo, sobre os aspectos morfológicos e semânticos dos verbos em destaque. Dado que, nesse caso, o tempo verbal era reconhecido pelo contexto, e não pela grafia da palavra, ou seja, pela terminação do verbo, como verificamos hoje na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito e do futuro do presente. Os trechos poderiam ser reescritos em contextos em que os verbos pudessem representar os fatos como acabados ou como ação futura para que o aluno identificasse o fenômeno da flexão e os morfemas modo-temporais do pretérito perfeito e do futuro do presente.  
*As recrutas que Vossa Senhoria remeteo foraõ entregues menos Antonio | Ferreira de Figueiredo que não veyo, dos que vieraõ tornaõ ahir Manoel Mendes | e Joze Gonçaves por doentes.*



**Indicação de leitura:**

CAGLIARI, Luiz Carlos. A ortografia na escola e na vida. In: MASSINI-CAGLIARI, Glades; CAGLIARI, Luiz Carlos. **Diante das letras, a escrita na alfabetização**. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2007.

A carta a seguir foi escrita em 1926, quase duzentos anos após o primeiro documento citado neste capítulo da cartilha e é um registro de outro cenário da história de Pernambuco e da Língua Portuguesa. A fonte foi produzida em um momento de significativa modernização do Recife. Nos anos 1920/30, por exemplo, a incorporação de invenções como o rádio, telefone, automóvel e cinema no cotidiano urbano influenciaram novos hábitos e possibilidades de viver e sentir a cidade, com a ampliação do sistema capitalista<sup>10</sup>.

Se por um lado isso possibilitou o desenvolvimento citadino, mudanças e melhorias na qualidade de vida de uma pequena parcela da sociedade que tinha acesso a esses bens materiais, por outro, a maioria estava à margem dessa realidade e (sobre)vivia em péssimas condições de vida, como ainda acontece atualmente, só que numa proporção e realidade diferentes. Diante disso, convidamos o leitor a fazer mais uma instigante viagem no tempo, com a análise documental.

Faculdade de Direito do Recife

Em 15 de Maio de 1926

*Ilustríssimo e Excelentíssimo e Reverendíssimo* Senhor D. Pedro Roeser

*Mui Digno* Abbade do Mosteiro de São Bento

[espaço] Ao transcorrer, no dia de hoje, **o centenário da instalação do Curso de Olinda**, o que desperta/importa a] mais alta e brilhante afirmação dos primórdios de nossa cul-] tura jurídica, e como foi no intimo de um dos compartimentos] desse tradicional Mosteiro que se inaugurou esse mesmo curso,] cabendo-lhe assim a immorredoura benemerencia de haver sido o] **berço em que se acalentou a grande sciencia reguladora da vi-]da dos homens e das sociedades**, não seria justo e muito menos] nobre esquecer uma tocante menção desse Mosteiro, que se acha] ligado pela religião e pelas letras á evolução intellectual do] Brasil.|| [espaço] Se em seu lado puramente historico-religioso] se impõe a

<sup>10</sup> REZENDE, Antonio Paulo de Moraes. Cidade e modernidade: registros históricos do amor e da solidão no Recife dos anos 1930. In: MONTENEGRO, Antonio Torres et al (Orgs). **História: cultura e sentimento**. Outras histórias do Brasil. Recife: EDUFPE; Cuiabá: EDUFMT, 2008, pp. 45-71.

majestade desse templo ao culto da sociedade per-nambucana, quiçá brasileira, porque elle recorda a victoria| da religião de nossos antepassados sobre a bandeira dos que| tentavam propagar uma religião que se não ajustava aos senti-|mentos desta porção sul-americana, bastava-nos o facto, como| nos basta, de se haver prestado a receber o primeiro banho| nas aguas illustres do Direito, para despertar esse intenso| tributo de respeito e acatamento com que ora nos pronunciamos,| mestres e discipulos, aos dignos obreiros do catholicismo, re-|presentados em *Vossa Reverendissima*, como Director que é desse Mosteiro.|| [espaço] Não precisa esta Directoria salientar o im-|pagavel relance da data historica, em que surgiu para a nação,| [FOLHA 2r] a corrente luminosa do saber juridico que se despejou do gran-|de estuario aberto numa das salas desse templo.[espaço] E o estuario| cresceu, avolumou-se, distendeu-se em varios affluentes pela ter-|ra brasileira, para afinal chegar, como chegou, ao imenso oce-|ano, que é hoje **a cultura juridica no Brasil**.|| [espaço] Mas em tudo isso não pode deixar de ser invo-|cado o Mosteiro de São Bento de Olinda, pois assim como esta re|sistiu heroica ás armas hollandezas para manter unida e forte a| caracteristica racial de que descendemos, tambem aquelle possui,| á semelhança de um novo laurel de gloria, a tradição de haver si|do o horizonte de onde se irradiou o primeiro lampejo do ensino juridico neste recanto do torrão brasileiro.|| [espaço] Aceitas, *Excelentissimo* e *Reverendissimo* Senhor D. Abbade, as su|bidas expressões da Faculdade de Direito do Recife que, embora| hoje em seu magestoso edificio, como filha emancipada, não es-|quecerá jamais os carinhos da velha casa paterna on|de recebeu o primeiro osculo da vida. [espaço] E cultivar o passado é honrar o presente.|| [espaço] Honrando-nos, portanto, que esse nosso gesto,| em nome do corpo docente e discente desta escola eu envio, com| este, as mais ardentes saudações de minhas homenagens ao Mostei|ro que Vossa Excelência Reverendissima, tão superiormente dirige, a ela cujas mãos| o dia de hoje deposita a verdadeira joia das benções de posteri|dade agradecida. || Cordiais Saudações. || O DIRECTOR ||

Manoel Netto Carneiro Campello (grifos nossos)

Carta n°8. Arquivo do Mosteiro de São Bento – Livro 174<sup>11</sup>

Destacamos outro aspecto da carta - a autoria - pois a forma e o conteúdo estão associados a quem escreve, como ocorre em outros gêneros textuais. Neste caso, o signatário Manoel Campello, professor de Direito Romano da Faculdade de Direito do Recife, utiliza-se de uma

<sup>11</sup> Disponível no CD da cartilha e no site [www.manuscritosimpresospe.com.br](http://www.manuscritosimpresospe.com.br).

linguagem formal e baseada na norma padrão da língua. Isso porque se trata de um profissional com um grau de escolarização elevado comunicando-se com um abade, sobre um assunto e em situação que requerem formalidade.

Verificamos também a preocupação do docente em valorizar a história e a memória do Mosteiro de São Bento, localizado em Olinda. Neste espaço religioso foi instalado um dos mais antigos cursos de Direito do país, em 1828, seis anos após o Brasil ter tornado-se Império, quando Pernambuco era uma província estratégica e de suma relevância nacional. No período imperial, o país buscou consolidar uma emancipação política em relação a Portugal, que foi alcançada de forma bastante lenta e não plena. Ademais, houve intensas lutas em prol de melhorias sociais num país forte economicamente, excludente, racista e escravocrata<sup>12</sup>.

A Faculdade de Direito foi palco de muitas dessas discussões, principalmente quando ela passou a funcionar no centro do Recife, em 1854, na Rua do Hospício (hoje, vinculada à Universidade Federal de Pernambuco). Nessa instituição estudaram intelectuais bastante relevantes, como: Eusébio de Queirós (1812-1868), autor da Lei nº581, de 04/09/1850, que proibia o tráfico de escravos no Brasil; Ruy Barbosa (1849-1923), político, escritor e diplomata, que teve atuação expressiva durante a Proclamação da República do Brasil; Sílvio Romero (1851-1914), político, professor, folclorista e ensaísta; Joaquim Nabuco (1849-1910), abolicionista, diplomata e político (autor de uma das cartas pessoais analisadas no capítulo seguinte da cartilha), entre tantos outros.

Ainda no que tange à carta escrita por Manoel Campello, a passagem destacada em negrito e sublinhado faz menção às relações entre o Direito e a questão racial no país, no sentido de que, segundo ele, este campo do saber teria visado “*manter unida e forte a característica racial de que descendemos*”.

Salientamos que a datação da fonte corresponde a um momento em que, no Brasil, ainda vigoraram algumas teorias raciais europeias adaptadas e incorporadas por diversos intelectuais e instituições de pesquisa do país, a exemplo da Faculdade de Direito do Recife (FDR), com destaque para as suas publicações acadêmicas, principalmente as escritas por Sílvio Romero.

---

<sup>12</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Mas para maior entendimento dessa questão, discutiremos, ainda que sucintamente, sobre o cenário histórico dos anos precedente[s]

Na década de 1870, o Direito construiu uma nova concepção científica, ao distanciar-se de outras Ciências Humanas e dialogar cada vez mais com a Biologia Evolutiva, as Ciências Naturais e a Antropologia Determinista e Física. Assim, a Faculdade de Direito do Recife (FDR) buscou fazer uma adaptação do Direito aos modelos evolucionistas e social-darwinista para explicar a realidade brasileira.

Para Sílvio Romero, que teve uma atuação marcante nesta instituição, a nação brasileira vivia um lento processo evolutivo e carecia de uma raça delimitada e por isso estava propícia à criminalidade, à loucura e a outros problemas de ordem política, social e de saúde. Neste sentido, a mestiçagem era vista por ele como uma tentativa de branqueamento da população, uma alternativa para a resolução desses entraves em um momento que vigorava a escravidão e o negro era visto muitas vezes de forma negativa.

Ao longo dos anos, diante do desenvolvimento científico, dos debates intelectuais e do fim do sistema escravista, principalmente a partir dos anos 1920/1930, o discurso racial associou-se de maneira mais intensa a outras questões para tentar explicar os entraves da realidade brasileira. Passou-se a levar em consideração aspectos como os modelos educacionais, a interpretação de folcloristas e os dados coletados por sanitaristas<sup>13</sup>.

Finalizamos a discussão desse documento, ressaltando que a história e os homens são filhos de seu tempo. Como educadores/pesquisadores, acreditamos que não nos cabe fazer julgamentos de juízo de valores, mas sim refletir sobre o passado, como um dos instrumentos para entender melhor o presente. Além disto, destacamos que o leitor poderá continuar esta viagem no tempo, ao consultar outros documentos no CD da cartilha e no site [manuscritosimpressospe.com.br](http://manuscritosimpressospe.com.br).

**SAIBA MAIS:** Se por um lado, no final do Império ganham força as leis pelo fim da escravidão e as campanhas abolicionistas. Por outro, no Brasil de 1870 a 1930, a hierarquia e exclusão social ganharam embasamento ideológico e político com discursos raciais. Isso ocorreu em várias instituições de pesquisa e ensino brasileiras, cada uma com as suas especificidades: Museu Nacional (RJ), Museu do Ipiranga (SP), Museu Paraense Emílio Goeldi, Institutos Históricos e Geográficos (RJ, SP e PE), Faculdades de Direito (PE e SP) e Faculdades de Medicina (RJ e BA). Assim, no final do século XIX, o Brasil foi apontado como um exemplo singular de forte miscigenação racial e, o cruzamento de raças foi visto por muitos cientistas, intelectuais e políticos, como um ponto central para a compreensão dos destinos do país. Do darwinismo social, por exemplo, adotou-se a crença na suposta diferença entre raças e na sua natural hierarquia. Do evolucionismo social foi incorporada a ideia de que as raças humanas estavam em constante evolução e aperfeiçoamento. Para um aprofundamento dessas discussões, consultar: SCHWARCZ, 1993, *Op. Cit.*

<sup>13</sup> Para a discussão sobre as teorias raciais tivemos como principal referência SCHWARCZ, 1993, *Op. Cit.*

### Sugestões de Atividades de Aprendizagem

Os PCN's de História do Ensino Fundamental II destacam a relevância de se discutir diversos aspectos da nossa história, entre eles as relações sociais, a cultura, a cidadania e a preservação/valorização do patrimônio. Diante disso, sugerimos atividades como possibilidades de construção do conhecimento no processo de ensino/aprendizagem.

1) O racismo é uma construção histórica e suscita discussões efervescentes, por ser um tema atual e polêmico. O professor pode iniciar, em sala de aula, uma discussão sobre as diferenças entre termos raça, cor e etnia, enfatizando como as palavras possuem historicidade e forte cunho semântico. Nessa discussão, é possível também debater como algumas expressões cotidianas estão permeadas de discursos racistas, mesmo que quem as utiliza não tenha essa intenção, a exemplo de “a situação estava preta” e “denegriu a imagem”.

2) Como pudemos perceber, a Faculdade de Direito do Recife e o Mosteiro de São Bento de Olinda são relevantes **patrimônio[s]** e guardam aspectos importantes da nossa memória e cultura. Uma possibilidade de discussão dos conteúdos escolares ou presentes nesta cartilha seria solicitar aos alunos que identifiquem registros do patrimônio material e/ou imaterial da cidade em que residem e busquem conhecer a história, a língua(gem) e a cultura para que possam valorizá-los e preservá-los.

3) Outra alternativa seria agendar com os discentes uma aula de campo e, a partir do contato com os monumentos e/ou práticas culturais, possam discutir sobre a história e a geografia local. É relevante que o educador planeje a visita e conheça o espaço antes.

**SAIBA MAIS:** A concepção de patrimônio é bastante ampla e complexa, abrangendo diversos aspectos. O patrimônio material é constituído pelos bens culturais imóveis classificados de acordo com a sua natureza: histórico; belas artes; artes aplicadas e arqueológico, etnográfico e paisagístico. Como exemplo, citamos as pinturas rupestres, os prédios, as praças, os documentos escritos antigos, as obras de arte, igrejas, terreiros de candomblé, etc. Enquanto o patrimônio imaterial está associado aos saberes, práticas, crenças, técnicas e expressões que são transmitidos e transformados ao longo do tempo pela sociedade, diante das relações com a história, com o ambiente e com a natureza, possibilitando a construção de identidades. É caso do frevo, da capoeira, do pastoril, do maracatu, da preparo artesanal da tapioca, da literatura de cordel, entre outros. Devemos conhecer, valorizar e preservar todos os tipos de patrimônio, porque eles possuem valores e significados históricos, culturais e sentimentais importantes para a sociedade. Para um aprofundamento acerca dessas discussões, consultar as indicações de leitura sobre patrimônio.

**Indicações de leitura:**

CARVALHO, José Murilo de Carvalho. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 14ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

Site do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: [www.iphan.gov.br/](http://www.iphan.gov.br/)

Site da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco: <http://www.fundarpe.pe.gov.br/>



spondencias.

a nova era renasce para Per  
o que um sentimento com  
em todo este povo depoi  
dor deixou uma ar  
as classes e

o que mais  
adormecido por  
utas politicas, q

Boi  
oi de carroca que seja gres  
magro, mas s  
maneira

nafrica Senhordc Guine  
da Capitania de Pernambuco, que por ser conovent  
de todo o resto do presente mes canis q  
as maldas fays e

# A verdadeira ameaça

Barreto Leite FILHO

O presidente Troncos...  
...a nova era renasce para Per...  
...o que um sentimento com...  
...em todo este povo depoi...  
...dor deixou uma ar...  
...as classes e...

...a nova era renasce para Per...  
...o que um sentimento com...  
...em todo este povo depoi...  
...dor deixou uma ar...  
...as classes e...

...a nova era renasce para Per...  
...o que um sentimento com...  
...em todo este povo depoi...  
...dor deixou uma ar...  
...as classes e...

...a nova era renasce para Per...  
...o que um sentimento com...  
...em todo este povo depoi...  
...dor deixou uma ar...  
...as classes e...

## ACTOS DO GOVERNO FEDERAL

## ACTOS DO GOVERNO ESTADUAL

# Justiça Eleitoral proíbe propaganda

Cartas particulares: história das pessoas,  
da sociedade e da linguagem





**Tarcísia Travassos<sup>1</sup>**

**Priscilla Elizabeth da Silva Costa Ferreira<sup>2</sup>**

Caro(a) professor(a), neste capítulo trataremos de outro tipo de carta: a particular. A carta é uma das formas mais antigas de interação entre as pessoas. As primeiras manifestações escritas militares, administrativas ou políticas eram feitas através de cartas e transportadas por mensageiro pessoal da autoridade<sup>3</sup>. De caráter mais formal, as cartas evoluíram possibilitando as mensagens particulares. Delas se definiram documentos públicos como cartazes, manifestos, panfletos<sup>4</sup>, vários instrumentos de dinheiro e crédito, jornais e revistas.

### **Características sócio-históricas das cartas particulares**

O gênero carta circula em vários domínios de atividades e assume finalidades comunicativas diversas. Assim, apresenta-se em diferentes categorias: administrativa, jornalística, familiar, religiosa, entre outras, e de acordo com o subgênero, carta administrativa, carta do leitor, carta pessoal, apresenta maior ou menor grau de cumplicidade, de afetividade, de expressividade<sup>5</sup>.

De modo geral, as cartas configuram-se pela presença de componentes fixos, que ancoram o texto, como o local, a data, o vocativo, o corpo do texto, a despedida e a assinatura e de um componente alternativo que corresponde ao PS: *Post scriptum*. Todos esses componentes contribuem para a compreensão do texto e para situá-lo no contexto de interação<sup>6</sup>.

As cartas pessoais têm características que as tornam fontes importantes para a construção do conhecimento sobre a nossa história. Uma carta pessoal coletada em nosso acervo familiar revelará hábitos e anseios de um parente que talvez não tenhamos chegado a conhecer. Assim,

---

<sup>1</sup> Profª Doutora da SEDUC/PE e da FMGR. Integrante da equipe pernambucana do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB).

<sup>2</sup> Graduanda em Letras pela UFRPE. Integrante da equipe pernambucana do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB).

<sup>3</sup> BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 83-99.

<sup>4</sup> PESSOA, Marlos de Barros. Da carta a outros gêneros textuais. In: LAMOGLIA, Maria Eugênia & CALLOU, Dinah et al.(Orgs.). **Para a história do português brasileiro**. Notícias e corpora e outros estudos – vol. IV. Rio de Janeiro: UFRJ/FAPERJ, 197-205.

<sup>5</sup> BRANDÃO, Helena H. N; ANDRADE, M<sup>a</sup> Lucia da C. V. de O; AQUINO, Zilda G. O. de. In: Castilho, Ataliba T. (Org.). **História do português paulista**. Cartas da administração privada e cartas particulares: estudo da organização discursiva. Campinas: UNICAMP?Publicações IEL, 2009. p. 721-733.

<sup>6</sup> MARCUSCHI, Luís Antônio. **Linguística de texto**: o que é e como se faz? Ed. Universitária, 2009. p. 41

saberemos sobre o entorno de quem a escreveu, sobre o local em que vivia quando escreveu a carta e teremos informações sobre a linguagem que usava. Dessa maneira, caro(a) professor(a), veremos a seguir como a análise de uma carta pode vir a ampliar o nosso saber histórico e motivar a reflexão, seja sobre o seu autor e destinatário, seja sobre a sociedade em que viveram.

### **O que revelam cartas particulares sobre a causa abolicionista?**

As duas primeiras cartas a seguir são de autoria de Joaquim Nabuco e Tobias Barreto. Ambas da segunda metade do século XIX, têm como tema a questão abolicionista. Discussões e controvérsias rodearam a erradicação da escravatura no nosso país nessa época, uma vez que essa medida, embora reconhecida por alguns como sendo necessária, encontrava obstáculo nos muitos que consideravam a posse dos escravos como condição indispensável para o acúmulo e conservação da riqueza no Brasil. Nesse contexto, até mesmo as novas ideias propagadas na Europa e nos Estados Unidos sofriam adaptações no sentido de manter a estrutura social vigente. No entanto, com o passar do tempo, as pressões sobre o fim do tráfico, as dificuldades dos grandes proprietários em conseguir novos escravos e o custo com a manutenção destes foram fatores que gradativamente desencorajaram a permanência da escravidão. Assim, propiciava-se o surgimento de vozes a favor da libertação dos escravos. Para refletir sobre esse assunto, é importante ter em mente que essa movimentação vinha da parte das elites, da qual Nabuco fazia parte, mas também ganhava a adesão de outros grupos sociais<sup>7</sup>. Percebemos nos adjetivos dados por Nabuco à causa abolicionista, como “escola *viril* e *austera*” e no emprego de substantivos como “*dever*” e a alusão à “*dívida da Pátria*”, indícios dos sentimentos que uniam diferentes forças com a finalidade de extinguir a escravidão.

---

<sup>7</sup> “Foram, em geral, favoráveis à abolição os representantes das classes urbanas, que começavam a ganhar importância em virtude das transformações econômicas que se processavam no país: o desenvolvimento das vias férreas, o aparecimento das primeiras empresas industriais, companhias de seguro, organismos de crédito, incremento do comércio varejista. Igualmente favoráveis à libertação dos escravos foram os grupos artesanais: trabalhadores livres, nacionais ou estrangeiros, que encontravam novas oportunidades de emprego”. COSTA, Emília Viotti. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. 9ª ed. São Paulo: Editora UNESPI, 2010, p. 332. Esta obra também foi a referência para a nossa discussão sobre o período da escravidão.

Londres, 12 de novembro de 1882

Ilmo amigo o *Senhor* Dr Antonio Pinto,

Faltam-me expressões para agradecer-lhe as | generosas palavras que disse a meo respeito na| Câmara. Ellas são para mim uma fonte de legi-|tima e elevada consolação. || Os abolicionistas tem diante de si um caminho | escabroso mas no futuro resta-lhes ha a satisfação| de terem feito o seo dever. Além disso o abolicionismo| é uma escola viril e austera em que aprendemos | a desprezar honras sem honra, posição sem digni- | dade ; glorias sem fundo e a eliminar dos nossos | sentimentos a inveja, o egoismo e a ingratição. Con-|tinuemos pois a pagar a divida da patria a in-|feliz raça que a tem feito o que ela é. || Desejo-lhe na próxima sessão um papel activo, | vigilante e cada vez mais proeminente. V.E. escreve | nos Annaes do actual Parlamento as unicas| folhas dignas de uma Assembléa de ~~(um)~~ povo civilizado | [Fol2.r] A província do Ceará não há de esquecer quando | for chamada a eleger nova deputação, pela honra | do nome cearense não o pode. Creia me de V.E. |

*Obrigadissimo Amigo e Correligionário*

[assinatura]

Carta 3. Arquivo textual manuscritos Fundaj- JN cap 2 doc 32 a4g1

Motivos fortes para a adesão à causa abolicionista estavam calcados também na imagem de país que começava a construir-se, passando a escravidão a ser um estorvo e uma vergonha. Percebemos, professor(a), que a mediação de pessoas influentes e instituições com vistas à libertação dos escravos era aceita, ganhava adeptos, porém iniciativas pontuais e “radicais”, como a relatada na carta seguinte, eram reprimidas e desencorajadas:

Amigo Sr. Sylvio

Acabo de receber a sua ul-|tima carta, á qual respondo.|| A minha retirada da Escola| foi em julho de 1881, dando-| se a singular coincidencia de que no 1º de agosto desse| anno amanhecia ali cercada| a minha casa, e um anno| depois (1º de agosto de 82) o| Diario publicava o telegramma | dando conta da minha no-|meação para Lente.|| Outrossim : não deve| passar desapercibido ( serve para uma | notinha) que eu, reagindo| [fol.2.r] Contra o inventariante dos bens| do meu sogro, que requerera| o cerco da casa, para apprehensão |de escravos do inventario, que me| tinham procurado, alforriei a | todos, n'uma parte correspon- |dente ao que me poderia ca-|ber, e por petição ao juiz| de espólios requeri que fosse| tomada nos autos a minha de -|claração de alforria –los| todos ! o juiz não acei-|tou a petição; e os aboli-|cionistas de Recife, que já| começaram a aparecer,| e á quem eu comuniquei o facto,| disseram que era um des-|[ fol. 3. R.]Proposito meu, uma iniquidade | sem igual , pois eu não| tinha o Direito de alforriar| a todos os escravos!! Hoje| eles julgam se com Direito |de furta-los. Isto é| magnífico!!| (...) Adeus. Recomendação | à Excelentíssima família e | dê uma ordem ao velho amigo Tobias

Carta 6 . arquivo microfilmagem da Fundaj.

Percebemos na leitura, a [ironia] com que Tobias Barreto relata o fato e os dissabores que lhe renderam a alforria dos seus escravos. Observamos que o autor realiza na carta um “memorial” do seu passado, selecionando para este fim eventos que considerava importantes. Refere o incidente com pontos de exclamação que, nesse caso, enfatizam o conteúdo e aproximam o texto do destinatário, mantendo uma ligação com a oralidade. As ações são narradas num crescente, encerradas com a frase: **“Isto é magnífico!”** Ora, sob o ponto de vista do remetente, nada havia de magnífico nas ações referidas, assim sendo, podemos julgar que cada um desses pontos de exclamação empregados pelo autor da carta pretendia exprimir repúdio e indignação: com o fato de ter sua casa cercada, com o juiz, com os “aboliconistas de Recife”.

Podemos inferir também do *conteúdo* dessa carta que se trata de um documento do mesmo período histórico da primeira (2ª metade do século XIX). Mas como? Por meio da *semelhança no uso da linguagem* existente entre os dois documentos, pelo *tema* em comum (é possível percebermos que se trata de duas cartas anteriores ao fim legal da escravidão, que é tratada em ambas) e pela menção explícita a determinados anos. Percebemos também o conhecimento partilhado que havia entre remetente e destinatário. No caso da primeira carta, Nabuco agradece ao correligionário o que este disse em seu favor, já no trecho<sup>8</sup> que apresentamos da segunda carta, trata-se de uma resposta a uma carta anterior.

Gostaríamos de mencionar ainda, Caro(a) Professor(a), que a relevância do trabalho com estas cartas não se dá apenas pela notoriedade dos seus [autores]. Esse aspecto seria apenas *um* dos relevantes por tratar-se de um meio para a preservação da memória coletiva. Há aspectos importantes que podemos explorar tanto nas cartas dos autores notórios como nas de outras pessoas, e são esses aspectos que fazem de todas as cartas um valioso objeto para nosso estudo. Damos alguns exemplos deles: cartas fixam na escrita uma *variante linguística*, (sob os aspectos do tempo

**SAIBA MAIS:** Ironia, segundo a retórica, consistiria de acordo com Charadeau, em “dizer o contrário do que se quer fazer o destinatário compreender”. Nesse caso particular da nossa carta percebemos o que este autor chamou de “índices de ironia” que podem: “ser no próprio conteúdo (por exemplo, mediante hipérbolos deslocadas ou pelo recurso a palavras que não são as do locutor) ou por outros meios. Na oralidade, por uma entonação ou uma mímica particulares, na escrita, por reticências, pelo recurso do itálico” Charadeau, 2008, p.291.

Caro(a) professor(a), neste capítulo apresentamos cartas de Joaquim Nabuco, Tobias Barreto e de Jordão Emerenciano para Gilberto Freyre. Para saber mais sobre esses autores e outros identificados nesta cartilha, seria interessante consultar o tópico “Identificação do autor” constante de cada transcrição disponível no site: [manuscritosimpresospe.com.br](http://manuscritosimpresospe.com.br). Também seria interessante que os próprios estudantes buscassem os dados biográficos desses autores. Sugestão para consulta: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/> e <http://prossiga.bvgf.org.br>

<sup>8</sup> Professor(a) você poderá, caso deseje, ter acesso ao documento na íntegra no anexo digital da cartilha que se encontra no site [www.manuscritosimpresospe.com.br](http://www.manuscritosimpresospe.com.br).

histórico, local e nível social dos envolvidos), também registram na forma escrita, em maior ou menor medida, elementos da *oralidade*, e em suas páginas circulam *saberes* variados.

Até aqui, já percebemos que esses documentos podem nos ajudar a entender o fim da escravidão no nosso país de maneira mais clara, como sendo a culminância de um processo lento e gradual muito além do que seria o resultado da iniciativa de alguns poucos protagonistas. A nossa jornada histórica através das cartas anteriores nos deixou bem perto do fim da escravidão, e podemos agora passar a refletir sobre o *fim legal* e o *fim de fato*. Todos sabemos que o cumprimento efetivo das leis exige um posicionamento ativo da sociedade, a garantia dos nossos direitos é um exercício de [cidadania]. Por caracterizar uma luta em busca do direito à liberdade, o movimento abolicionista é um exemplo do exercício dessa cidadania ainda no período imperial<sup>9</sup>. No entanto, a abolição do trabalho escravo não trouxe para a maioria dos ex-escravos, na condição de homens livres, as oportunidades e garantias que seriam necessárias para desfrutar dela. Assim, sem apoio nesse sentido e sem uma continuidade do movimento abolicionista, ficaram à mercê de péssimas condições de vida e baixos salários<sup>10</sup>.

**SAIBA MAIS:** A cidadania poderia, segundo José Murilo de Carvalho, “ser desdobrada em direitos civis, políticos e sociais”. Esse autor chama a atenção também para o caráter histórico na constituição da cidadania, como processo não acabado. CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: O longo caminho*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

Portanto, em que pese os esforços de vários setores da sociedade, o reflexo do período da escravidão ainda se faz sentir e podemos dizer que estamos a caminho de nos livrarmos de fato de todo o peso das marcas e dos resquícios que a escravidão deixou. Nossa próxima carta, de autoria de Jordão Emerenciano e destinada a Gilberto Freyre, servirá de mote para a continuação da nossa discussão.

No século XX, as discussões sobre a formação de nossa sociedade e sobre o papel do negro permaneceram em pauta e nelas o destinatário da carta que leremos a seguir teve papel importante. A reflexão de Freyre sobre nossa formação levou à inserção do elemento negro com papel formador na sociedade. Também por esse motivo, o pensamento de Freyre permanece reconhecido e as discussões que motiva mantêm suas ideias vivas até hoje<sup>11</sup>. Os saberes construídos mudam com o tempo, assim como nós, e a reflexão sobre a escravidão e sobre a situação do negro também pode assumir caminhos que divergem do tomado por

<sup>9</sup> CARVALHO, 2012, Op. Cit.

<sup>10</sup> Baseamo-nos para essa discussão em CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: O longo caminho*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

<sup>11</sup> Para as críticas ao tratamento da questão racial no pensamento de Freyre poderia ser interessante consultar COSTA, Emília Viotti. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 9ª ed. São Paulo; Editora UNESPI, 2010. p. 367-386. No entanto, gostaríamos de ressaltar as controvérsias que envolvem a questão, podendo o(a) Professor(a) explorar esse ponto por meio das diversas opiniões acadêmicas disponíveis.

Freyre, sem problemas. Esse é o movimento da vida, do mundo e da construção do conhecimento. E é da vida que fala a última carta desse capítulo, da vida profissional, particular e social de duas pessoas notórias:

1958

Meu caro Prof. Gilberto Freire:

Conforme combinamos aí vão | algumas copias do seu magnifico prefacio | ao [“Morão, Rosa e Pimenta”] – bem como | os respectivos originais datilografados. Gostaria | de, quando me mandasse o | exemplar defini- | tivo para impressão, receber os originais | manuscritos para a exposição que será | feita no lançamento do volume. || Junto envio uma copia | da despretenciosa “nota do editor”. Gostaria que passasse os olhos nessa pobre nota. || O que penso do seu magnifico pre| facio será dito em viva voz. Quem sabe se | um jantarzinho de três ou quatro casais, no má| ximo, não seria oportuno para conversar sobre | a materia? A Maria da Penha está convalescendo de uma violenta pneumonia que veio forte. | Logo que tudo se normalize combinaremos os por-|menores se o meu caro amigo e senhora concordarem. Eu e Maria da Penha formulamos para vossa mercê | e toda a sua Família os melhores votos de Ano Novo. || Deus guarde vossa mercê

Jordão Emerenciano

Carta pessoal 8 - Fundação Gilberto Freyre JE GF CR 56 p1 doc 11

**SAIBA MAIS:** *Morão, Rosa e Pimenta* é uma obra monumental, publicada em 1956 pelo Arquivo Público Estadual de Pernambuco. Trata-se da reunião de três livros de medicina: *O que é o achaque do bicho*, cujo autor Miguel Dias Pimenta, não era médico e dedicava-se ao comércio ambulante. Os outros dois livros são o *Tratado Único das bexigas e do sarampo*, assinado por Romão Mosia Renhipo, anagrama do médico Simão Pinheiro Morão, e *Constituição Pestilencial de Pernambuco*, de autoria do médico João Ferreyra da Rosa. Esta publicação é hoje uma raridade.

Percebemos, caro(a) Professor(a), que as fórmulas de início e fechamento mantêm uma certa formalidade: “Meu caro Prof. Gilberto Freire” e “Deus guarde Vossa Mercê”. Quanto ao conteúdo, os temas fluem entre a vida particular e a profissional. Damos-nos conta desde o início da carta, com a expressão “**Conforme combinamos**”, que nos revela um contato anterior que algumas passagens da carta trazem indícios da proximidade entre Emerenciano e Freyre e justificam o *uso dos adjetivos* “**pobre nota**” e “**magnífico prefácio**” no âmbito jocoso e elogioso, respectivamente e o *emprego do diminutivo com valor afetivo*: “**jantarzinho**”. Há, ainda, menção à “Maria da Penha”, à esposa de Freyre e os “**votos de Ano Novo**” extensivos à família. Percebemos, nessa oportunidade, o quanto as cartas pessoais proporcionam uma volta ao tempo e podem conservar para a posteridade um pouco daqueles que as escreveram.

## **Propostas de atividades**

Tendo em mente a prática pedagógica de língua portuguesa, sugerimos ao(à) professor(a) algumas situações didáticas com base nas cartas particulares.

- Uma atividade interessante seria solicitar aos estudantes que comparassem uma das cartas manuscritas deste capítulo ou as disponibilizadas no site [manuscritosimpressospe.com.br](http://manuscritosimpressospe.com.br), que funciona como anexo digital desta cartilha, com um e-mail a sua escolha. Esta atividade também pode ser realizada com outros textos originários da carta como cartazes, manifestos, panfletos, cheques, jornais, revistas, editoriais, entre outros. A comparação das funções sociais de tais gêneros, bem como dos seus aspectos composicionais seria relevante para o processo de letramento de nossos estudantes do ensino fundamental.
- Podemos solicitar aos estudantes que colem cartas pessoais junto aos familiares e tentem conseguir respostas para as perguntas: Quem as escreveu? Onde foram escritas? Para quem? Quando? De que assunto trata? É possível identificar características (posição social etc.) dos interlocutores? Quais expressões indicam a relação do autor com o destinatário da carta? Há informações sobre como as pessoas viviam, como escreviam, como era a sociedade em determinada época? É importante que eles discutam sobre a relevância dessas respostas para a compreensão das cartas.
- Devemos considerar em nossas aulas sobre gêneros textuais, a possibilidade de um trabalho de pesquisa com vários tipos de cartas: particulares, oficiais, de leitores, comerciais etc. observando e refletindo com os estudantes sobre as condições de produção e as funções sociais de cada um desses subgêneros.
- A proposição de diferentes situações concretas de comunicação para que os estudantes escrevam não pode faltar em nossas aulas sobre o gênero carta. Mas será que alguns deles já receberam uma carta? Assim, que tal propormos aos estudantes a escrita de uma carta para alguém? Pode ser um parente que mora longe, um colega de classe, alguém de outra turma... Depois da atividade realizada, podemos promover um momento de discussão entre os estudantes para que contem sobre as suas descobertas e expectativas de receber a resposta da sua carta.



Muitas reflexões sobre as cartas particulares ainda poderíamos fazer; outras atividades poderiam ser sugeridas, porém, finalizamos, por aqui, para darmos espaço a outras reflexões sobre gêneros que também precisam circular em nossas salas de aula, a exemplo dos editoriais, dos anúncios, das cartas de leitores. Esperamos ter contribuído para que as práticas escolares sejam cada vez mais instigantes e menos artificiais, tanto para nós, professores, quanto para os estudantes. Os capítulos seguintes nos levam a outras épocas e outros gêneros. Vamos seguir viagem!



spondencias.

a nova era renasce para Per  
o que um sentimento com  
em todo este povo depoi  
dor deixou uma ar  
as classes e

o que mais  
adormecido por  
utas politicas, q

Boi  
oi de carroca que seja gres  
magro, mas s  
maneira

na Africa Senhordc Guine  
da Capitania de Pernambuco, que por ser conovent  
de todo o resto do Brasil e presente meo canis q  
emindas fays

# A verdadeira ameaça

Barreto Leite FILHO

O presidente Troncoso...

na verdade...

na verdade...

na verdade...

## ACTOS DO GOVERNO

## ACTOS DO GOVERNO ESTADUAL

**Justiça Eleitoral**  
**proíbe propaganda**

Editorial: a voz do jornal na imprensa pernambucana dos séculos XIX e XX





Valéria Severina Gomes<sup>1</sup>

Caro(a) Professor(a), neste capítulo da nossa cartilha, vamos tratar do editorial jornalístico e refletir sobre algumas possibilidades de aplicação em situações didáticas. O editorial é um texto de comentário, argumentativo, que veicula o ponto de vista do jornal. Antes da consolidação da imprensa, as cartas<sup>2</sup> faziam o papel do jornal, e o caráter combativo e opinativo dessas missivas também é encontrado no [panfleto], no pasquim e no editorial jornalístico, cujo propósito é a formação da opinião pública. Muitos temas que revelam as mudanças urbanas, sociais, políticas, culturais e tecnológicas, no Recife e no país como um todo, foram estampados nas páginas editoriais. Não podemos esquecer de que a língua portuguesa também passou por mudanças, que acompanharam essa dinâmica. Vejamos um pouco dessa história.

*SAIBA MAIS: A Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco é um exemplo de panfleto político que defendia a autonomia da Província. Redigido por Cipriano José Barata de Almeida, foi lançado em 09/04/1823.*

A Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco (Fonte: Vianna, 1945:459-466)



### O curso da história nas páginas editoriais<sup>3</sup>

O século XIX foi o cenário para as lutas políticas e deu início à urbanização no Brasil. Em paralelo aos fortes embates ideológicos desse período, melhoramentos urbanos são registrados em Recife na segunda metade do século XIX: o Teatro de Santa Isabel (1850), o Gabinete Português de Leitura (1851), o Cemitério Público de Santo Amaro (1851), o início da Estrada de Ferro Recife - São Francisco, com a inauguração do primeiro trecho ligando esta cidade com a Vila do Cabo (1858), a construção da Casa de Detenção (1856), a iluminação das ruas centrais

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco, Professora Adjunta do Departamento de Letras e Ciências da Universidade Federal Rural de Pernambuco e Coordenadora da equipe pernambucana do Projeto Para a História do Português Brasileiro. E-mail: lelavsg@gmail.com.

<sup>2</sup> As cartas são consideradas o “berço” de vários outros gêneros. Para mais informações sobre esse assunto, consultar PESSOA, Marlos de Barros. Da carta a outros gêneros textuais. In: LAMOGLIA, Maria Eugênia & CALLOU, Dinah et al.(Orgs.). **Para a história do Português brasileiro**. Notícias e corpora e outros estudos – vol. IV. Rio de Janeiro: UFRJ/FAPERJ, 197-205.

<sup>3</sup> Um estudo detalhado sobre a historicidade dos editoriais e da língua encontra-se em GOMES, Valéria Severina Gomes. **Traços de mudança e de permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido**. Berlin: De Gruyter, 2010

a gás carbônico (1859), a ferrovia (1854); técnicas de comunicação, como o telégrafo (1857); o cabo submarino (1872) e o telefone (1876) (SILVA, L., 1985<sup>4</sup>; SODRÉ, 1988<sup>5</sup>). Todos esses acontecimentos alteraram os hábitos sociais e culturais da população como podemos ver no editorial abaixo, que trata da inauguração do Teatro de Santa Isabel.

Ex.1: Com estas occupações, com estes pensa-mentos se entreteve durante o dia popula-ção desta capital, e apenas desceu a noite | sobre a terra acudio ella presurosa ao theatro de Santa Isabel, por cuja abertura este-|ve anciosa. Também concorreremos nós, não | na simples qualidade de amadores de sce-|na, sim como desejosos e emthusiastas de | testemunhar a inauguração do novo thea-|tro, desse padrão que serve a attentar o pro-|gresso de nossa civilização, que serve a me-|morar o pensamento de nosso engrandeci-|mento, tentativa do patriotico barão da | Bôa-Vista, não menos nobre que feliz, que | pôde atravessando tantos tempos, vencendo | tantas vontades malevolas, superior aos | desatinos de alguns dos nossos presidentes, | chegar té á administração do *Exceletissimo Senhor* con-|selheiro, que com louvavel e esforçado em-|penho completou esse pensamento util, creando-nos este beneficio, de que tanto | carecíamos. ||

(Diario de Pernambuco nº 115, 22/05/1850 – editorial 6<sup>o</sup>)

Dentre as mais variadas temáticas político-ideológicas, na década de 1880, foram intensificadas as questões abolicionistas. Os posicionamentos antiescravistas e republicanos predominaram no ideário de diversos homens cultos brasileiros (BOSI, 1991<sup>7</sup>) e eram encontrados com frequência nos editoriais. Com a notícia do decreto da abolição, houve comemoração calorosa nos jornais, como demonstra o editorial abaixo, que ressalta também a participação popular. É bem certo que uma leitura mais crítica do contexto pós-abolição, conduzida pelo professor, vai revelar que outros “terríveis pesadelos” de ordem social, educacional, econômica e dos direitos humanos ainda precisavam ser superados.

<sup>4</sup> SILVA, Leonardo Dantas. (Pref.). **O Monitor das Famílias**: periódico de instrução e recreio. Recife, FUNDARPE. Diretoria de Assuntos Culturais, 1985.

<sup>5</sup> SODRÉ, Nelson Weneck. **Síntese de história da cultura brasileira**. 19 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

<sup>6</sup> Texto disponibilizado na íntegra, juntamente com outros exemplares, no site [www.manuscritosimpressospe.com.br](http://www.manuscritosimpressospe.com.br), que funciona como anexo digital desta cartilha impressa.

<sup>7</sup> BOSI, Alfredo. 1991. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix.

Ex. 2: Era o | coração brasileiro, que vibrava ao senti-|mento da caridade, e que hoje transbor-|da de júbilo pela completa redempção | dos captidos, desde o coração de Sua Ma-|gestade, que, longe da patria, guarda o | leito da dôr, desde o coração da gracio-|sa Princesa Imperial, que teve a rara | fortuna de ligar o seu nome ao decreto | de redempção, até o do mais obscuro ci-|dadão do angulo mais afastado do Im-|perio. Todos participam da gloria e to-|dos se embriagam na grande festa nacio-|nal.

(Jornal do Recife nº 111, p. 1, 17/05/1888 – editorial 7<sup>8</sup>)

Como estamos acompanhando até aqui, vários aspectos das transformações sociais e culturais podem ser recuperados nas páginas dos jornais. Nas primeiras décadas do século XX, por exemplo, a imprensa começa a servir como instrumento de comunicação também para alguns trabalhadores. Dentre os fatores que contribuíram para isso estão um comércio mais dinâmico, a indústria em progressão, o expansionismo urbano, o crescimento das escolas públicas, entre outros. A partir de 1930 houve uma modernização das empresas jornalísticas. A imprensa torna-se menos politizante e mais comercializada e, conseqüentemente, ocorrem alterações nas relações com os leitores, os textos de opinião vão cedendo mais espaço aos textos de propaganda.

Já nos anos 50 do século XX, os jornais começaram a perder espaço para a televisão, que veiculava notícias com antecedência, com movimento e cor. Antes da televisão outras revoluções ocorreram na comunicação, desde a instalação de tipos numa impressora primitiva por Gutemberg (1450), a passagem da caricatura para a fotografia e o envio de mensagens, em segundos, por cabos submarinos. Hoje presenciamos outra revolução tão ou mais surpreendente que as anteriores: o computador, que superou a máquina de escrever, que superou a pena (CHAGAS, 2002<sup>9</sup>).

Em vista desses acontecimentos, podemos verificar que a história da imprensa no Brasil passa por três fases (SODRÉ, 1999<sup>10</sup>; RÜDIGER, 1993<sup>11</sup>):

---

<sup>8</sup> Texto disponibilizado na íntegra, juntamente com outros exemplares, no site [www.manuscritosimpressospe.com.br](http://www.manuscritosimpressospe.com.br), que funciona como anexo digital desta cartilha impressa.

<sup>9</sup> CHAGAS, Carlos. A desconstrução do acontecimento e a domesticação do caos: um depoimento e algumas idéias. In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. pp. 335-348.

<sup>10</sup> SODRÉ, Nelson Weneck. **Síntese de história da cultura brasileira**. 19 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

<sup>11</sup> RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: ED. Universidade/UFRGS, 1993.

### Fase Político-panfletária (início da imprensa)

- - contexto inicial da imprensa, com elevadíssimo analfabetismo;
- - função essencialmente opinativa;
- - discurso pomposo e veemente;
- - fase de polêmicas pessoais e violência física e verbal;
- - linguagem marcada por vocativos, imperativos, repetições, interjeições, subjetivismo, adjetivação e pontuação enfáticas.

Ex. 3: Ó meus filhos, deixai de fazer-vos tão funesta guerra: cessai de lacear as entranhas da vossa Pátria, e de empregar as vossas forças em a destruir. Se a graõ custo conquistamos Liberdade, não queiramos perder por nossa imprudência, e capriço. Atentemos para o bem geral, sacrificando no Altar da Pátria os vossos ódios, as vossas intrigas, as vossas paixões particulares, e dominados do verdadeiro Patriotismo sejamos unanimes em sustentar a Independência, a cosntituiçaõ, e ao Snr. D. Pedro 2º.

(Diario de Pernambuco nº 167, 07/09/1835 – editorial 4<sup>12</sup>)

### Fase Literário- independente (segunda metade do século XIX)

- - contexto de organização intelectual e aumento do nível de alfabetização;
- - temáticas culturais e científicas;
- - conjunção entre os homens das letras e a imprensa;
- - propagação de acontecimentos sociais;
- - linguagem composta de detalhes, figuras e poeticidade.

Ex.4: Com estas occupações, com estes pensa-|mentos se entreteve durante o dia popula-|ção desta capital, e apenas desceu a noite | sobre a terra acudio ella presurosa ao theatro de Santa Isabel, por cuja abertura este-|ve anciosa.

(Diario de Pernambuco nº 115, 22/05/1850 – editorial 6<sup>13</sup>)

<sup>12</sup> Texto disponibilizado na íntegra, juntamente com outros exemplares, no site [www.manuscritosimpressospe.com.br](http://www.manuscritosimpressospe.com.br), que funciona como anexo digital desta cartilha impressa.

<sup>13</sup> Texto disponibilizado na íntegra, juntamente com outros exemplares, no site [www.manuscritosimpressospe.com.br](http://www.manuscritosimpressospe.com.br), que funciona como anexo digital desta cartilha impressa.

### **Fase Telegráfico-informativa** (final do século XIX aos dias de hoje)

- - contexto de modernização tecnológica;
- - superação da opinião pela informação objetiva;
- - passagem de uma imprensa romântica para uma imprensa mercadológica;
- - substituição do estilo detalhista literário pelo estilo simplista telegrafês;
- - linguagem direta, com mais afirmações que demonstrações e com repetições reguladas.

Ex.5: Quando falamos do rio, falamos também das pontes. Infe-|lizmente, a Prefeitura, por administrações anteriores, está contri-|buindo por estragar o efeito paisagístico das pontes. Numa das ca-|beças da ponte da Torre, inexplicavelmente se permitiu construir um | abarracamento, que se destina ao que parece á venda de generos ou | de artefatos de automovel.

(Diário de Pernambuco nº 8, 10/01/1953 – editorial 10<sup>14</sup>)

A cada passo que damos na análise do editorial vão surgindo outros potenciais de abordagem desse gênero. Vejamos, por exemplo, algumas possibilidades de situações didáticas nos quatro eixos da prática pedagógica da língua portuguesa<sup>15</sup>.

### **Situações didáticas no eixo da leitura**

Quando escolhemos levar para a sala de aula gêneros de um determinado contexto histórico, também realizamos uma leitura de textos fruto da interação social. Os textos do passado também expressam uma função comunicativa e um objetivo interativo, que pode ser identificado e discutido na sala de aula. No caso dos editoriais, é possível encontrar as marcas de identificação de quem escreveu, normalmente o redator do jornal, pois o editorial retrata a voz e o ponto de vista do periódico, e a quem se destinou, predominantemente a camada letrada da sociedade.

<sup>14</sup> Texto disponibilizado na íntegra, juntamente com outros exemplares, no site [www.manuscritosimpressospe.com.br](http://www.manuscritosimpressospe.com.br), que funciona como anexo digital desta cartilha impressa.

<sup>15</sup> Esta discussão fundamenta-se na Base Curricular Comum para as Redes Públicas de Ensino de Pernambuco: língua portuguesa/Secretaria de Educação – Recife: SE, 2008; e em ANTUNES, Irlandé. **Aula de Português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.



Precisamos ter uma atenção especial com a motivação e o interesse dos nossos alunos pela leitura desses textos antigos, pois estes têm formas e conteúdos diferentes do que os alunos estão habituados. Nesse caso, a leitura precisa estar inserida em um contexto mais amplo de discussão interdisciplinar. É por esse motivo que o contato dos alunos com documentos históricos põe em diálogo a História, a Sociologia, a Antropologia, a Geografia, a Linguística e outras ciências<sup>16</sup>. Atentos a esses pontos, podemos seguir na construção e na busca do que a leitura dos editoriais nos revela como campo de pesquisa e de ensino:

- **Contextualização** – a contextualização é a identificação das condições de produção, ou condições de êxito<sup>17</sup> do editorial: uma finalidade reconhecida; os parceiros envolvidos na interação; o lugar e o momento de circulação do texto; o suporte, que é o modo de transporte e de memorização do gênero; e a organização textual. A identificação desses elementos nos permite compreender que todos os textos carregam as marcas do momento sócio-histórico e cultural de sua circulação e, mais que isso, nos leva à identificação de que os indivíduos são os agentes de transformação da sociedade, dos gêneros que nela circulam e da sua língua.

- **A leitura e a reflexão acerca das partes do texto** – para que o nosso aluno desenvolva a compreensão global do texto e também a competência escrita, precisamos levá-los a refletir, por exemplo, sobre a organização dos parágrafos em relação ao texto como um todo, sobre a organização das ideias, sobre as características estruturais do gênero editorial, das pistas linguísticas (elementos de coesão, pontuação, seleção e adequação das palavras etc). Esse tipo de análise criará situações de questionamento, de reflexão e de entendimento sobre o que mudou e o que permaneceu na língua e no contínuo dos gêneros ao longo do tempo. Penso que todos nós concordamos que essa é uma importante temática para a pesquisa e para a reflexão na sala de aula.

- **Passagem da leitura linear para a leitura multimodal** – na sequência de invenções tecnológicas, Noblat (2003<sup>18</sup>) comenta que a morte rondou os jornais diários, pelo menos, por quatro vezes: a invenção do rádio, da televisão, o surgimento da Internet e a junção em um sistema da escrita, do som e da imagem. Para não desaparecerem, os jornais tiveram de guiar a informação por outro rumo. Houve, com isso, mudanças significativas na diagramação do jornal,

---

<sup>16</sup> **Parâmetros Curriculares Nacionais:** história (de 5ª a 8ª séries). Secretaria de Educação Fundamental. / Brasília: MEC / SEF, 1998.

<sup>17</sup> MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

<sup>18</sup> NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário.** 4 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

com a inserção de imagens e a quebra da linearidade dos textos, mas o editorial continuou ocupando lugar de destaque nas páginas. As figuras abaixo exemplificam essa mudança na feição do jornal, que levou os leitores a desenvolverem outras competências leitoras. A leitura não se dá mais de forma unicamente sequenciada, coluna a coluna, mas o leitor atual tem a opção de distribuir o seu olhar na página e iniciar a sua leitura de diferentes formas. Vocês acham interessante levar essa questão para a sala de aula? Que tal fazer essa experiência com os alunos e verificar como cada um escolhe iniciar a sua leitura diante da mesma página de jornal? Vamos verificar também como eles relacionam a leitura verbal e não-verbal. A partir daí certamente outras ideias legais virão para serem vivenciadas na sala de aula.

Figura 1



Diário de Pernambuco nº 1 - 07/11/1825  
Fonte: setor de microfilmagem da FUNDAJ

Figura 2



Diário de Pernambuco nº 250, p. A2 - 07/09/2003  
Fonte: setor de microfilmagem da FUNDAJ

## Situações didáticas no eixo da escrita

Quando trabalhamos com textos opinativos, como é o caso do editorial, as ações se voltam para uma escrita de textos com uma visão crítica sobre o ambiente social e cultural em que vivem os alunos; para o reconhecimento dos diferentes usos sociais da escrita, com a versão padrão da língua na feitura dos editoriais; para a percepção das escolhas lexicais e sintáticas em função da produção de sentido pretendido; e para a competência escrita de acordo com as propriedades do texto (coesão, coerência, informatividade etc) e com a organização superficial (parágrafos, pontuação, ortografia). Ao propor uma atividade de produção de um jornalzinho escolar com os alunos, o professor pode explorar a escrita do editorial, fazendo os alunos passarem pelo processo de escrita e reescrita do próprio texto. O processo de escrita pode ficar mais rico se os alunos tiverem a oportunidade de refletir sobre as transformações pelas quais o editorial passou ao longo do tempo. Vejamos dois aspectos dessas transformações:

- **Estudo da mudança estrutural dos textos** – assim como observamos as mudanças nos hábitos das pessoas, na forma como se vestem, na arquitetura da cidade, também ocorrem mudanças na estrutura dos textos. No caso do editorial, temos exemplos da ausência ou da presença dos títulos no início dos textos; de paragrafação extensa ou curta etc. O que torna possível a identificação desse gênero ao longo do tempo é a finalidade comunicativa. Uma prática curiosa identificada na produção de alguns editoriais do século XIX é a publicação de partes de um só editorial em diferentes números do jornal. As marcas que indicavam essa sequência de um mesmo texto eram situadas no início e no final dos editoriais, indicando que se tratava de uma continuação de um texto anterior e que haveria continuidade no número seguinte. É interessante constatar que essa prática ficou lá no passado.

Ex.6: (Continuado do N<sup>o</sup> antecedente)

Em quanto ao 2.Ponto – Isto he, | em quanto aos abuzos da liberdade da | imprensa, (...)

Da mesma sorte o “li-|beralista” se aproveitará da obscuri-|dade e do indefinido da ley, para vo-|mitar satiras amargas, injurias viru-|lentas, e calumnias atrozes por meio | de “innuendos” e de alluzões que | muitas vezes importaõ o mesmo como | as palavras directas.

(Continuar-se-ha)

(Diario de Pernambuco n<sup>o</sup> 34, 13/02/1827 – editorial 2<sup>19</sup>)

<sup>19</sup> Texto disponibilizado na íntegra, juntamente com outros exemplares, no site \_\_\_\_\_, que funciona como anexo digital desta cartilha impressa.

- **A historicidade da língua e a historicidade dos editoriais** – uma atividade importante para observar a dinâmica sócio-histórica e cultural da língua e dos editoriais é propor, na sala de aula, a análise comparativa entre a produção escrita dos documentos históricos e dos textos atuais. Um bom exemplo para demonstrar essa dinamicidade são os recursos argumentativos que mudaram ou que permaneceram na construção do editorial, entre eles: o uso da modalização, da adjetivação, da citação, da pergunta retórica e da repetição.

### **Situações didáticas no eixo da análise linguística**

Neste tópico vamos refletir sobre os usos sociais da língua em épocas passadas. É preciso que uma atividade que faça a ponte entre os usos da língua no passado e no presente desperte o interesse e a curiosidade dos alunos. Esse tipo de reflexão coloca em pauta questões como a variação e a mudança linguística e o reconhecimento da língua como um patrimônio cultural e histórico tão vivo e movente quanto a experiência humana. A análise linguística feita nos editoriais permite abordagens como:

- **Estudo da diversidade do Português do Brasil** - considerando os grupos étnicos, culturais e linguísticos no território brasileiro, a análise de editoriais do passado colabora para o estudo da história particular do Português do Brasil e seu sistema fonológico, morfossintático e lexical. Entram em discussão aspectos como: a concordância verbal e nominal, o emprego dos verbos *ter* e *haver*; a voz passiva, o uso do gerúndio, a partícula negativa entre o verbo e o pronome (uso do passado); o acompanhamento da variação e fixação ortográfica e a passagem de uma orientação prosódica e rítmica da pontuação para uma orientação prosódica, sintática, semântica e pragmática. Há muitos outros elementos que podem ser trabalhos, considerando sempre a relevância e a pertinência para o nível do Ensino Fundamental II a que se destina a atividade elaborada.

## Situações didáticas no eixo da oralidade

Textos opinativos como o editorial motivam debates na sala de aula, como também podem motivar a proposição de outros gêneros da modalidade oral. Como base no debate, por exemplo, o aluno pode identificar aspectos globais e organizacionais desse gênero oral e verificar algumas similaridades e diferenças entre a modalidade escrita e a modalidade oral. Uma ocorrência muito comum nas primeiras versões do editorial é a utilização de gêneros ou fragmentos de textos da cultura oral. Com o intuito de valorizar as expressões orais e culturais e de superar as abordagens polarizadas entre a oralidade e a escrita, precisamos abrir espaço para a inclusão desse eixo nessa sequência de atividades.

**- Identificação de marcas de oralidade em textos escritos** – apesar de o editorial ser um gênero concebido e veiculado no meio escrito, carregava em sua composição traços de proximidade com a oralidade como as marcas de interatividade, utilização de provérbios e de sinais gráficos (negrito, itálico e caixa alta). Esses recursos promovem uma interação mais próxima com o leitor, como também levam para as páginas dos jornais a ênfase dos discursos inflamados do início da imprensa. São encontradas também, nas primeiras versões dos editoriais, interjeições e onomatopeias, traços que ficaram mais escassos nas versões atuais. A linguagem jornalística sempre busca a combinação entre o registro coloquial e formal. No caso do editorial, podemos encontrar essa proximidade por meio da simulação de diálogos, da referência direta aos interlocutores, da pontuação, dos recursos gráficos, da interjeição e da onomatopeia. Nos dez editoriais disponíveis no site [www.manuscritosimpressospe.com.br](http://www.manuscritosimpressospe.com.br) encontramos exemplos para todas essas ocorrências.

Encerramos momentaneamente essa breve reflexão ressaltando que levar para a sala de aula textos de épocas passadas possibilita: conhecer e valorizar o patrimônio histórico-cultural, por meio dos documentos históricos, integrar áreas afins de conhecimento e refletir, acompanhar, pesquisar e conhecer as condições de uso da língua portuguesa e as práticas comunicativas, culturais, econômicas, tecnológicas e políticas de um dado momento histórico, buscando, com tudo isso, estabelecer o diálogo entre o passado e o presente. Iniciativas como essa vão requerer do(a) professo(a) e dos(as) alunos(as) disposição para experimentar, ousar, questionar, descobrir, desafiar, que são ingredientes fundamentais para o processo ensino-aprendizagem em todas as áreas de conhecimento. Se estamos dispostos a isso, comecemos nossa viagem.



spondencias.

a nova era renasce para Per  
o que um sentimento com  
em todo este povo depoi  
dor deixou uma ar  
as classes e

o que mais  
adormecido por  
utas politicas, q

Boi  
oi de carroca que seja gres  
magro, mas s  
maneira

nafrica Senhordc Guine  
de Capitania de Pernambuco, que por ser conovent  
de todo o resto do presente mes canis q  
as maldas fays

# A verdadeira ameaça

Barreto Leite FILHO

O presidente Troncos...

...no que se trata de...

...a verdadeira ameaça...

...o que o presidente Troncos...

## ACTOS DO GOVERNO FEDERAL

## ACTOS DO GOVERNO ESTADUAL

**Justiça Eleitoral**  
**proíbe propaganda**

A cidade do Recife escrita pelos sujeitos autores das cartas de leitor: uma cidade, muitas histórias





**Andréa de Souza e Silva<sup>1</sup>**

Caro(a) professor (a), para conhecer as histórias de uma cidade, precisamos não apenas caminhar por suas ruas, praças e avenidas, mas conhecer também o que pensavam seus habitantes sobre ela. Para desvelar as histórias do Recife de outrora, optamos por construir uma narrativa a partir dos rastros produzidos pelos homens que vivenciaram um tempo passado e tinham o hábito de escrever para os jornais, os autores das cartas de leitor. Mas, caro(a) leitor(a), nessas escritas, não apenas encontramos as histórias da cidade do Recife, mas a história da língua portuguesa, pois ela também mudou com o passar do tempo.

A nossa narrativa tem início em meados da primeira metade do século XIX, pois é nesse período que a sociedade recifense experimenta um novo tempo, um tempo intenso com profundas alterações na esfera política, ocasionada pelos movimentos sociais como a Insurreição de 1817, a Confederação do Equador, de 1824, e a Praieira, de 1848. Por ser palco de grandes batalhas, a cidade imprimiu na sua história uma identidade heroica: Recife passa a ser conhecido como o *Recife das revoluções libertárias, da teimosia ácida do contra*, evocado pelo poeta Manoel Bandeira. Apesar de esses movimentos ocorrerem em um tempo passado, ainda fazem parte da memória do povo pernambucano, pois Pernambuco ainda é conhecido como o Leão do Norte!

Nesse contexto, escrever para o jornal era o principal recurso para a formação da opinião pública. Por ser um texto argumentativo, a carta de leitor foi utilizada em várias épocas por muitos recifenses para manifestar seu ponto de vista sobre um determinado acontecimento e assim divulgar para a sociedade sua opinião sobre a realidade em seu entorno. Esses documentos revelam indícios das práticas de escrita da época, uma vez que as intensas discussões políticas estavam presentes nos jornais. Inevitavelmente os textos revelavam esses conflitos através da linguagem. A escrita era marcada por intensas polêmicas pessoais e violência verbal com o elevado emprego de adjetivos. Percebemos essa linguagem insultuosa nas correspondências abaixo:

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura Plena em História na UFRPE. Integrante da Equipe Pernambucana para História do Português Brasileiro (PHPB).

Ex.: 1 Snr. Edictor [...] D'aquella minha | suppozição conclue o bestu- | nto do Lombriga, que eu nun- | ca li  
essa rica pro- | dução [ ilegível] do absolutismo agoni- | zante {...} **O' Lombriga dos meus pecados | o'  
Forca, o' enguiço, o' calangre | o' mizeria**, tu, quan- | do tal escreveste, ou estava e- | brio, ou ainda  
incephalico [...] Mennino, traze-me | aquella palmatória... Da'ca' a maõ Lom- | briga ... abre, abre, abre  
esses | dedos de macaco[...]

(Diario de Pernambuco, 08/01/1830 – Carta de leitor 2<sup>2</sup>)

Ex.: 2 Srs. Editores. – Lendo casualmente o **infame Diario** | de Pernambuco n.196 nelle deparei com um  
communi- | cado em o qual pretendeu seu autor persuadir ao brioso | povo pernambucano que do lado baronatico  
estavaõ as | capacidades, os verdadeiros patriotas &r. &c. e que da- | li deviaõ faser a escolha dos representantes  
da provin- | cia, e naõ do lado a que elles chamaõ – praeiros, que | somente querem impolgar os | lugares para  
depois aca- | brunharem o povo com impostos e mais impostos .

(Jornal Diario Novo, 06/09/ 1844 - Carta de leitor 3<sup>3</sup>)

Essas cartas revelam expressões que demonstravam um ambiente conflituoso exposto à sociedade pelos jornais e mostram o posicionamento do autor frente a assuntos do seu cotidiano. Para Sodré (1999:157)<sup>4</sup>, esse período se caracteriza por um momento de alto índice de analfabetismo, e a função do texto jornalístico é essencialmente opinativa, marcada por intensas polêmicas pessoais e violência verbal.

Outra característica dos textos produzidos na primeira metade do século XIX corresponde à relação entre escrita e oralidade. Segundo Gomes (2007)<sup>5</sup>, as marcas de oralidade presentes na escrita corresponderiam a uma característica da produção textual da época, e não de cada gênero específico. Na correspondência abaixo, destacamos a simulação de diálogo, com referência direta aos interlocutores por meio do uso da segunda pessoa (tu e vós).

Ex.: 3 Para que te envolve | em bebuxos de escriptor publico, se nada sabes? Quem te mandou orubú pelado,  
metter-te | no rancho dos coroados?

( Diario de Pernambuco, 08/01/1830 – Carta de leitor 2<sup>6</sup>)

<sup>2</sup> Texto disponibilizado na íntegra, juntamente com outros exemplares, no site [www.manuscritosimpressospe.com.br](http://www.manuscritosimpressospe.com.br), que funciona como anexo digital desta cartilha impressa.

<sup>3</sup> Texto disponibilizado na íntegra, juntamente com outros exemplares, no site [www.manuscritosimpressospe.com.br](http://www.manuscritosimpressospe.com.br), que funciona como anexo digital desta cartilha impressa.

<sup>4</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: MAUAD, 1999.

<sup>5</sup> GOMES, Valéria Severina. **Traços de mudança e de permanência em Editoriais de Jornais pernambucanos da forma ao sentido**. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

<sup>6</sup> Texto disponibilizado na íntegra, juntamente com outros exemplares, no site [www.manuscritosimpressospe.com.br](http://www.manuscritosimpressospe.com.br), que funciona como anexo digital desta cartilha impressa.

Não apenas a simulação de diálogos é característica das marcas de oralidade nas cartas de leitor analisadas, também destacamos a onomatopeia (expressão que imita o som natural da coisa significada). Essa marca de oralidade encontra-se destacada no exemplo a seguir:

Ex.: 4 **Pá'...pá'...pá'**. Ardem, meu Forca? Toma mais: há de chupar duas dúzias: **pá'...pá'...pá'...** Que [ilegível] dá' o | viadinho! Zuza já' chupou a competente doze: agora chegou-te a vez. Fica bem certo, orgulhoso pedantinho, que em aparecendo | escripto teu, a malhação minha he infalível. Vê se brilha, eu não brilho a teu respeito.

(Diário de Pernambuco, 08/01/1830 - Carta de leitor 2<sup>7</sup>)

Nesse exemplo percebemos a tendência constante nas escritas desse período para imitar as vozes e os ruídos, pois o pá'...pá'...pá'... representa o som das batidas da palmatória nas mãos do Lombriga.

Além de vários movimentos sociais em defesa de uma nova organização política, o século XIX também foi um tempo que acelerou a vida cotidiana e introduziu novas formas de convivência em sociedade. Na correspondência abaixo, o autor descreve que, entre polêmicas e deslumbramentos, o Recife de ruas estreitas, sem água encanada e iluminação pública, dos bondes de tração animal, dos [tigreiros] circulando pelas ruas, das procissões funerárias noturnas e sepultamentos realizados nas

#### Tigres

**SAIBAMAIS:** Em uma época onde não existia sistema de esgotos, os dejetos humanos eram colocados em barris de madeira que ficavam localizados em um canto recolhido da casa. Quando o barril estava cheio, recorria-se ao escravo que o transportava em suas cabeças para ser despejado na beira dos rios. Esses barris eram chamados de “tigres” e os seus condutores de “tigreiros”. Essa nomenclatura talvez fosse alusão à coragem dos carregadores ou à imagem das barricas que, ao transbordar, espalhavam fezes nos corpos dos escravos, numa combinação que lembrava a pelagem dos tigres.

SANTOS, Manuela Arruda. Higienizar para Civilizar: A Mudança de Percepção em Relação ao Lixo no Recife 1830-1845. Artigo publicado na Revista de História da Biblioteca Nacional, Ano 3, Nº31, Abril de 2008.

<sup>7</sup> Texto disponibilizado na íntegra, juntamente com outros exemplares, no site: [www.manuscritosimpressospe.com.br](http://www.manuscritosimpressospe.com.br), que funciona como anexo digital desta cartilha impressa.

catacumbas das igrejas, é modificado pelo processo de [modernização] e passa a ser o Recife das novas arquiteturas, de novos traçados nas ruas, de novos hábitos, de novas práticas de higiene e salubridade:

#### Modernização

**SAIBAMAIS:** Segundo REIS (2006) A modernidade consiste em uma nova representação da temporalidade histórica que associa o bem-estar da civilização ao progresso científico e material. Para REZENDE (2005), a modernidade não poderia se concretizar sem o processo de modernização. Nessa perspectiva, Rezende (2005:91) compreende a modernização “como a busca de novas linguagens para traduzir as velozes mudanças trazidas pelas novas técnicas”. Essas novas linguagens são traduzidas na arquitetura, nos costumes e na moral, no refinamento social conduzindo as sociedades à busca da perfeição.

REZENDE, Antonio Paulo. *O Recife. Histórias de uma cidade*. 2ª edição. Recife Editora da Fundação de Cultura da cidade do Recife, 2005.

REIS, José Carlos. *História e Teoria*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

Ex.: 5 Srs. Redactores | E' sobre maneira lisongeiro o ver |, como esta Provincia, em tão curto espaço de | tempo, se tem desenvolvido, abraçando todos os ramos | de prosperidade, quando [ilegível] | das Provincias, suas irmãs ao Norte, e ao Sul lutaõ com o dragão da anarchia, destruidor de todas | as venturas, que nos promete a sociedade. || A agricultura, e o Commercio, como é publico, tem enriquecido | esta Provincia. O Espirito d'associação, que tanto vai entre | nós progredindo, nos prepara um | lisongeiro porvir: a A[s]sociação Commercial, já instalada, a do | encanamento d'agoa á capital, que está em | andamento, a do g[ilegível]z, do theatro, de pontes de ferro, e das estradas | provõo o que vimos de dizer. A edificação, que tao bellos | e elegantes edifícios nos appresenta, ja atrevi-| damente vai levantando os seus alicerces | por onde em outro tempo corriaõ as agoas, que se | vem hoje constringidas a recuar para | dar logar á industria, e á grandeza: de modo que em pouco tempo | teremos de ver esta bella Cidade no catalogo | das principaes da Europa.

(Diario de Pernambuco, 07/08/1839 - Carta de leitor 4<sup>8</sup>)

A proposta da administração pública da época foi transformar Recife em uma nova cidade. Para tanto, foram adotadas medidas de limpeza das ruas, construção do Cemitério de Santo Amaro, elaboração de um projeto de transposição das águas do rio Beberibe, alterando as práticas cotidianas, visto que os [canoeiros] eram responsáveis pelo abastecimento das

#### Canoeiro

**SAIBA MAIS:** Escravos encarregados do abastecimento de água na cidade. De acordo com o historiador Marcus Carvalho, para o exercício da função de canoeiro era preciso habilidade, pois o rio não era uma estrada reta e existiam muitas possibilidades de encalhe.

CARVALHO, Marcus. *Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo: Recife 1822-1850*, Recife, UFPE, 1998.

<sup>8</sup> Texto disponibilizado na íntegra, juntamente com outros exemplares, no site [www.manuscritosimpressospe.com.br](http://www.manuscritosimpressospe.com.br), que funciona como anexo digital desta cartilha impressa.

práticas cotidianas, visto que os [canoeiros] eram responsáveis pelo abastecimento das habitações mais ricas<sup>9</sup>. Nessa atmosfera de desenvolvimento, a carta abaixo descreve o entusiástico momento de empolgação popular em que vivia a província de Pernambuco com a visita da Majestade [Imperial]:

#### Rua do Imperador

**SAIBA MAIS:** A atual rua do Imperador recebeu esse nome no ano de 1859, depois da passagem do Imperador Dom Pedro II pelo local. Também foi a rua do famoso Café Continental, conhecido como Café Lafayette, ponto de encontro de intelectuais e boêmios nas décadas iniciais do século XX.

**BRAGA, João.** *Trilhas do Recife: Guia Turístico, Histórico e Cultural.* Secretaria de Educação do Governo do Estado de Pernambuco, 2000.

Ex.: 6 Parece que uma nova era renasce para Pernambuco, há como um sentimento comum que se disputa em todo este povo depois da imperial visita O imperador deixou uma animação, que se propaga por todas as classes e por todos os indivíduos. || O que se revela actualmente, o que mais sobressahe é o espirito publico adormecido por tantos annos, ou cansado das lutas politicas, que acabaram por quebrar-nos as forças, reduzindo-nos a um estado de torpor e de lethargia; hoje esse espirito renasce, como a Phenix, de suas próprias cinzas. || Move-nos o dizelo assim, entre outros, um facto bem significativo e é a attitude, ou a posição que este anno tem tomado a nossa assemblea provincial com respeito aos negocios mais importantes da provincia. Está-se desenvolvendo nella um interesse immediato por[muitas] muitas cousas, que existiam antes um completo abandono ou pelo menos em notável esquecimento.

(Diario de Pernambuco, 09/03/1860 - Carta de leitor 5<sup>10</sup>)

<sup>9</sup>ARRAIS, Raimundo. **O Pântano e o Riacho a formação do espaço público no Recife do século XIX.** Série Teses Humanitas / FFLCH/USP, 2004

<sup>10</sup> Texto disponibilizado na íntegra, juntamente com outros exemplares, no site [www.manuscritosimpressospe.com.br](http://www.manuscritosimpressospe.com.br), que funciona como anexo digital desta cartilha impressa.



Mesmo diante dessas mudanças introduzidas pela modernização até as últimas décadas deste século, o Recife ainda representava uma sociedade escravocrata. O Recife aproxima-se do século XX com novos movimentos políticos contrários à escravidão e que defendiam a instalação da [República]. O final do século é marcado pelo fim do trabalho escravo e pela instauração de uma nova organização política.

#### Movimento Republicano

**SAIBA MAIS:** Segundo José Murilo de Carvalho, existiam dois projetos diferenciados para a República: a República dos Deodoristas, reduzida aos interesses do exército e democratas paulistas, e a República de Benjamim Constant, atrelada ao estabelecimento de uma República que incorporasse o proletário à sociedade, e a quebra dos monopólios da Igreja e do Estado sobre a educação, a religião e a ciência. Tendo em vista os interesses políticos no estabelecimento da forma republicana, prevaleceu o modelo de República defendida pelos seguidores de Deodoro. No dia 15 de novembro Deodoro foi até o quartel general, assumiu o comando das tropas e a República foi proclamada! Formou-se então um governo provisório, chefiado pelo marechal Deodoro da Fonseca tornando-se o país uma República federativa denominada Estados Unidos do Brasil.

CARVALHO, José Murilo. *A Formação das Almas. O Imaginário da República no Brasil*. Companhia das Letras, 1990.

As primeiras décadas republicanas conviveram com experiências de modernização importantes, anunciavam um novo tempo, que deixava para trás o passado monárquico e a escravista<sup>11</sup>. As mudanças eram visíveis no panorama social da cidade: aumento da população; água canalizada, estradas de ferro, serviço telegráfico, aparição dos primeiros bondes elétricos, do automóvel, novos lugares de encontro como cinemas, cafés, confeitarias, novas diversões. De acordo com a fala do autor da correspondência abaixo, o Recife moderno *vae perdendo aquelle aspecto sombrio da “urbs” colonial, com vielas estreitas e sujas, inesthetics sobradinhos e habitações acaçapadas sem luz, sem hygiene e sem conforto:*

Ex.: 07 O progresso do Recife vem se caracterizando de uma maneira incontestável, nestes ultimos annos. A cidade vae perdendo aquelle aspecto sombrio da “urbs” colonial, com vielas estreitas e sujas, inesthetics sobradinhos e habitações acaçapadas sem luz, sem hygiene e sem conforto. || Certo que ha muita cousa a corrigir e muita cousa a fazer. Mas ninguém contesta o surto remodelador, a “poussée” progressista que por toda parte se accentua. Esse adiantamento vae demorado, quando se estabelece por exemplo uma comparação com São Paulo. [...] Um pouco mais de esforço e de boa vontade seria o bastante para fazer do Recife uma linda cidade moderna.

(Diario de Pernambuco, 09/04/1920 - Carta de leitor 7<sup>12</sup>)

<sup>11</sup> Para saber mais sobre as mudanças ocorridas na cidade do Recife nas décadas iniciais do século XX ler: REZENDE, Antonio Paulo. **(Des) Encantos Modernos: Histórias da Cidade do Recife na Década de Vinte**. Recife, FUNDARPE, 1997. BARROS, Souza. *A década de 20 em Pernambuco*. 2.ed. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985.

<sup>12</sup> Texto disponibilizado na íntegra, juntamente com outros exemplares, no site [www.manuscritosimpressospe.com.br](http://www.manuscritosimpressospe.com.br), que funciona como anexo digital desta cartilha impressa.

Nesse contexto, a cidade do Recife passou a ser um cenário de tensas relações, com greves dos operários, em busca de melhores condições de vida e trabalho, e reações da população, exigindo das autoridades as medidas disciplinadoras para a saúde pública, o aumento dos mocambos e as áreas insalubres. Em razão dos altos índices de mortalidade urbana e das epidemias de cólera, há uma preocupação dos moradores da cidade com a higienização, e passam a escrever para os jornais para denunciar e cobrar das instituições públicas:

Ex.: 08 Solicitam, por nosso intermedio, | chamar a atenção dos illustres dr. | director de hygiene e coronel  
prefei- | to da capital, para a falta de asseio | existente na freguezia de São José, notadamente na rua [ilegível] | que  
mantém grande quantidade de | lama infecta e onde o movimento de | carroças é extraordinariamente in- | tenso  
dando logar a collisões entre | esses vehiculos e os transvios, occasio- | Nando, quasi sempre, prejuizos ma- |  
tereaes e mesmo pessoaes , em pas- | sageiros que, á falta de assento, via- | jam na plataforma dos mesmos. ||  
Esperam os reclamantes que as | autoridades acima, enpenhadas co- | mo estão pelo progresso da nossa ci- | dade,  
tomem as providencias neces- | sarias, bebeficiando, assim a saude | dos moradores daquella rua e das | demais.

(Jornal A Provincia. 09/01/ 1920 - Carta de leitor 8<sup>13</sup>)

Como podemos perceber, o principal objetivo do gênero carta de leitor consiste em tornar públicas questões de interesse da sociedade de seu tempo. Na atual sociedade, observamos novas maneiras do homem se relacionar com o seu meio social, seja, por exemplo, por meio do e-mail, dos blogs e das redes sociais. Apesar de dispor de variadas formas de comunicação, os sujeitos-autores das cartas de leitor ainda fazem uso dessa atividade comunicativa para retratar as mudanças sociopolíticas e culturais ocorridas na sociedade.

Nesse aspecto, podemos inferir a relevância do trabalho com a carta de leitor no processo de ensino-aprendizagem da língua, assim como contribuir com uma proposta de ensino direcionada para atuação social, por meio de uma reflexão sócio-histórica, visto que os sujeitos autores das cartas de leitor faziam e fazem uso dessa atividade comunicativa para o exercício da cidadania.

## **SUGESTÕES DE ATIVIDADES**

Caro(a) professor(a), a utilização do jornal como fonte documental em sala de aula exige, além da escolha de um eixo temático, a definição de períodos e publicações a serem pesquisados. Deve ser estabelecido um cronograma de atividades, divisão de grupos de estudo e selecionar

---

<sup>13</sup> Texto disponibilizado na íntegra, juntamente com outros exemplares, no site [www.manuscritosimpressospe.com.br](http://www.manuscritosimpressospe.com.br), que funciona como anexo digital desta cartilha impressa.

quais jornais serão pesquisados e em que locais. Vejamos algumas atividades no eixo temático da Educação Patrimonial:

### **Eixo Temático: “Educação Patrimonial”**

A Educação Patrimonial apresenta-se como uma possibilidade para construção do conhecimento histórico, na medida em que o aluno entra em contato direto com o patrimônio histórico local. Os pontos históricos, o artesanato, os habitantes da comunidade, os rituais e as festas religiosas revelam os múltiplos aspectos culturais de uma comunidade e, com o passar do tempo, são (re)significados pelos diferentes grupos sociais. Outro aspecto importante no estudo através deste eixo temático consiste na perspectiva de trabalho interdisciplinar, visto que as atividades podem envolver docentes de diversas áreas do conhecimento<sup>14</sup>. Em seguida, apresentamos algumas propostas de temas para pesquisa em sala de aula:

- **Processo de Modernização e Modificações nos Modos de Vida.** Essa temática é direcionada para a perspectiva da História do Cotidiano. Essa atividade consiste em uma possibilidade didática, por meio da seleção de jornais de épocas distintas, para os alunos distinguirem suas vivências pessoais dos hábitos de outras épocas, assim como a compreensão da diversidade dos modos de vida em uma mesma época e em épocas [distintas].

#### **Sugestões de sites para consulta:**

<http://www.fundaj.gov.br/geral/didoc/cozinheiroimperial.pdf>  
[http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=615&Itemid=460](http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=615&Itemid=460)  
[http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=613&Itemid=460](http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=613&Itemid=460)  
<http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC> (Jornal do Brasil, RJ)  
<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>  
<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/pesquisa.php>

- **A Cidade do Recife e o Processo de Urbanização:** Essa proposta de pesquisa procura mostrar aos alunos os processos de mudanças e permanências históricas com base no estudo do contexto local por meio de mapas. Nessa atividade, o docente poderá utilizar jornais, mapas e fotografias da comunidade em várias épocas e solicitar aos alunos a confecção de um mapa destacando os principais pontos históricos da cidade. Nesse estudo, é importante os alunos perceberem a importância de outras disciplinas na compreensão da História.

<sup>14</sup> HORTA, Maria de Lourdes Parreira. **Guia Básico de Educação Patrimonial.** Brasília: IPHAN/ Museu Imperial, 1999. ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de História. Coleção Ideias em Ação.** Editora: Cengage Learning, 2010.

spondencias.

a nova era renasce para Per  
o que um sentimento com  
em todo este povo depoi  
dor deixou uma ar  
as classes e

o que mais  
adormecido por  
utas politicas, q

Boi  
oi de carroça que seja gres  
magro, mas s  
maneira

nafrica Senhordc Guine  
de Pernambucos, que por ser conovent  
de tres do presente mes canis q  
minhas fays

# A verdadeira ameaça

Barreto Leite FILHO

O presidente Troncos...  
...a nova era renasce para Per...  
...o que um sentimento com...  
...em todo este povo depoi...  
...dor deixou uma ar...  
...as classes e...

...a nova era renasce para Per...  
...o que um sentimento com...  
...em todo este povo depoi...  
...dor deixou uma ar...  
...as classes e...

...a nova era renasce para Per...  
...o que um sentimento com...  
...em todo este povo depoi...  
...dor deixou uma ar...  
...as classes e...

...a nova era renasce para Per...  
...o que um sentimento com...  
...em todo este povo depoi...  
...dor deixou uma ar...  
...as classes e...

## ACTOS DO GOVERNO FEDERAL

## ACTOS DO GOVERNO ESTADUAL

**Justiça Eleitoral**  
**proíbe propaganda**

Anúncios: o comércio de coisas e de gente





**Rose Mary Fraga<sup>1</sup>**

**Caro(a) Professor(a),**

Neste capítulo, trabalharemos o gênero textual anúncio em diferentes momentos da história, buscando mostrar suas características e funções ao longo do tempo. Será que o que era anunciado no século XIX se encaixa nos classificados dos jornais contemporâneos? A resposta a esta questão pode nos trazer dados importantes sobre a língua e sobre as mudanças socioculturais.

**De que tratam os anúncios?**

Quando olhamos para trás na linha do tempo, percebemos facilmente que muita coisa mudou: as cidades, as ruas, as casas das pessoas, as roupas, os modos de comunicação, a LÍNGUA, como bem podemos ver nestes textos. Mas por que a língua muda? Não seria mais fácil que ela ficasse imóvel no tempo? A língua muda por que tudo ao seu redor se transforma. O Recife do século XIX, por exemplo, não tinha o “inchaço” populacional que tem hoje. O historiador Marcus Carvalho<sup>2</sup> nos diz que o censo populacional do Recife de 1826 indicava que 25.678 pessoas habitavam os três bairros centrais da cidade: o bairro do Recife, Santo Antônio e Boa Vista, uma situação bem diferente da atualidade, com um número muito maior de habitantes.

Há algum tempo atrás, as pessoas moravam em habitações chamadas sobrados, que geralmente eram construídos nos centros urbanos; já as camadas populares habitavam os mocambos, construídos em áreas mais afastadas. Hoje muitas pessoas moram em barracos, palafitas, prédios. Então, se as coisas do mundo se modificam, a língua também fica diferente, com novas palavras, por exemplo. Assim, surgem expressões como favela, barraco, cafofo, apartamento para representar as habitações mais recentes. Nossa língua muda porque o mundo não para. E os anúncios também retratam, de alguma forma, essas mudanças, pois anunciam não apenas “produtos de compra e venda”, mas os modos de vida e de dizer essa vida em diferentes épocas. Sendo assim, os “produtos” anunciados não são os mesmo em épocas distintas. Os anúncios abaixo, sobre a venda de uma pessoa, causaria muita estranheza em jornais da

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela UFPE e Professora Adjunta da UFRPE.

<sup>2</sup> CARVALHO, Marcus J. M. de. **Liberdade – rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.



atualidade. No entanto, circulavam impunemente nos jornais brasileiros na época da [escravidão].

**Professor(a), você pode encontrar muitos outros anúncios em periódicos disponíveis nos sites:**

<http://www.fundaj.gov.br/geral/didoc/cozinheiroimperial.pdf>  
[http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=615&Itemid=460](http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=615&Itemid=460)  
[http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=613&Itemid=460](http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=613&Itemid=460)  
<http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC> (Jornal do Brasil, RJ)  
<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>  
<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/pesquisa.php>

Ex. 1: VENDAS || 2 Quem quizer comprar hum criollo, | de optima figura, sem axaque, ou vi- | cio algum, que sabe o officio de cano- | eiro, e serrador, dirija-se a loja de sir- | gueiro N° 57, na rua do Cabugá | que lhe dirá quem o tem e o preço | porque he vendido

(Diario de Pernambuco 26/02/1827 – Anúncio 5)<sup>3</sup>

Ex.2: VENDAS || Quem quizer comprar huma mola- | ta de 16 a 17 annos, Educada com o- | nestidade, engoma, coze, e não ignora | o mais trafico de huma cazam falle a Jo- | ze Carlos Teixeira, no Aterro da Boa | vista caza N° 4 que dirá quem a | vende.

(Diario de Pernambuco 05/02/ 1827 Anúncio 10)

Professor(a), vale à pena conferir o estudo de Marlos de Barros Pessoa sobre anúncios de escravos (PESSOA, M. B. . Os modos de falar do escravo em jornais brasileiros do século XIX. Confluência - Revista do Instituto de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, v. 20, p. 85-93, 2000.)

Também nos chama a atenção um anúncio da venda de um sítio que inclui em sua descrição a informação de quem foi seu antigo dono, uma informação dificilmente encontrada em anúncios mais recentes. Vejamos:

Ex.4: Quem quizer comprar hum sitio, | na estrada da Caza Forte, que vai pa- | ra o Monteiro, que foi do falecido Pa- | dre Prata, pode dirijir-se a D. Joa- | quina Ignacia Salgueira, que esta pas- | sando a festa no Engenho Monteiro.

(Diario de Pernambuco 09/02/1827 – Anúncio 04)

<sup>3</sup> Caro(a) professor(a), no site do projeto ([manuscritosimpressospe.com.br](http://manuscritosimpressospe.com.br)) há outros anúncios que também podem ser interessantes para atividades em sala de aula.

Observe que no anúncio abaixo, do final do século XIX, a informação sobre antigos donos já não aparece. Por outro lado, aparecem informações mais objetivas sobre o engenho à venda, como por exemplo sua extensão:

Ex.5:

Engenho

Vende-se o Bo[a]-Sorte, uma legua ao sul | da Victoria, moente e corrente, com ex- | tensas terras e matas, em 15  
quilômetros | quadrados, para safrejar até 4 mil pães de | assucar, grande açude, vapor e -- ambique | grande e s[.]  
de viver da, senzalas e 20 de | lavradores. || Tambem se vende a safra fundada e a | boiada e carros, utencilios e  
instrumentos. || A tratar no Recife, nas segundas e ter- | ças-feiras, Hotel Commercial rua Larga do | Rozario  
números. 31 e 33 na Victoria nas quar- | tas e sab-bados. hotel Theodu[ilegível] no mes- | mo engenho, nas  
quintas e sextas-feiras.

(Diario de Pernambuco 17/03/1900 – Anúncio 6)

No final do século XX, como podemos ver no seguinte anúncio, há mais detalhamento de informações que nos anteriores. Aparecem preço, descrição detalhada e objetiva do imóvel, endereço etc. Além disso, aparecem abreviaturas e expressões bastante reveladoras das mudanças no tipo de moradia da população, como “garagem para 2 carros”, “dep. Comp. p/ empregada”, “Edf.” etc.:

Ex.6: BOA VIAGEM – Vendemos uma | excelente casa, c/terraço, sala am- | pla 4 quartos soc, todos c/varan-  
| das, armários, cozinha ampla com cubas inox, garagem para 2 carros, | dep. Comp. p/empregadas. Preço |  
Cr\$ 10 milhões de cruzeiros. Infor- | mações e Vendas no Edf. Tereza | Cristina, 63 C/1104 fones 222- | 1558 e  
222-3550 Creci 3329 (7) | 18.

(Diario de Pernambuco 06/02/1982 – Anúncio 7)

Caro(a) Professor(a), vale à pena fazer os alunos perceberem, por exemplo, como a descrição presente nos anúncios, e tão característica deles, vai se tornando diferente com o passar dos tempos. É fácil percebermos uma sintaxe mais complexa nos anúncios do início do século XIX, enquanto que em anúncios mais recentes há preferência por uma sintaxe mais simples, com frases curtas, maior número de palavras abreviadas, além do privilégio de outro tipo de informação. Por exemplo: é comum encontrarmos nos anúncios atuais de compra e venda de apartamento a informação de que o imóvel fica perto do mar (*Próximo do mar; 100 metros do mar*). Essa descrição tem valor argumentativo, pois funciona como um aspecto da persuasão: um atrativo para a compra do imóvel. No entanto, não era comum no século XIX, no Recife, as pessoas morarem tão próximas ao mar. Incrível não é? O bairro de Boa Viagem, por exemplo, é um dos mais populosos da cidade do Recife. Um dos fatores que contribuem para isso é a proximidade com o mar.

Vamos, então, observar alguns aspectos dos anúncios:

	SÉCULO XIX	SÉCULO XX
SINTAXE	“Quem quizer comprar hum sitio,   na estrada da Caza Forte, que vai pa-   ra o Monteiro, que foi do falecido Pa-   dre Prata,...” (período subordinado)	<i>Vende -se; Vendo</i> (expressões que predominam em anúncios do final do século XX)
DESCRIÇÃO	Aparece a localização e identificação do antigo dono.	Aparece o tamanho do terreno; o bairro do imóvel à venda; quantidade de quartos do imóvel, banheiros etc.
DESCRIÇÃO COM VALOR ARGUMENTATIVO	“que foi do falecido Pa -   dre Prata,...”	<i>Perto do mar; Andar alto</i> (essas duas últimas expressões são comuns em anúncios mais recentes)
ORTOGRAFIA	“Caza Forte”; “sitio”; “officio”; “criollo”	Casa Forte; sítio; officio; crioulo

A tabela acima nos dá uma ideia mais clara das diferenças entre os anúncios dos séculos XIX e XX<sup>4</sup> : temos períodos preferencialmente compostos por coordenação no século XX, com frases justapostas, sem conectivos; já em anúncios do século XIX, é notório o uso do conectivo “que”, construindo a subordinação das orações.

Também é possível perceber que as informações usadas na descrição dos objetos anunciados são diferentes de um século para outro, assim como diferem os elementos que constroem a argumentação. No século XX, a informação sobre quem foram os proprietários do imóvel parece funcionar como um elemento persuasivo. Provavelmente, eram pessoas conhecidas e com algum *status* social. Já no século XX, é mais convincente para a compra e venda informações sobre tamanho do imóvel e sobre o que há nas proximidades, como shoppings, praia, empresas etc.

Não podemos esquecer, é claro, das mudanças ortográficas, como as que aparecem nos exemplos: **criollo/crioulo; caza/casa**, evidenciando que as convenções ortográficas mudam com o tempo.

Caro(a) professor(a), os aspectos observados nesses exemplos podem levar os alunos a refletir sobre as razões históricas que podem ter provocado essas mudanças, como o desenvolvimento do Recife<sup>5</sup> e a diminuição do tamanho dos anúncios no corpo dos jornais, fazendo surgir estruturas coordenadas e expressões abreviadas, resultando num texto com maior quantidade de informação num menor espaço.

<sup>4</sup>

<sup>5</sup> Ver informações importantes sobre a urbanização do Recife no capítulo anterior, que trata da carta de leitor.

Observe que no fragmento seguinte -“ excelente casa, c/terraço, sala am- | pla 4 quartos soc, todos ✓ varan- | das, armários, cozinha ampla com cubas inox, garagem para 2 carros” – há uma grande quantidade de informação em apenas duas linhas. Será bem interessante a exploração desses aspectos nas atividades de sala de aula.

No exemplo seguinte, outros aspectos nos chamam atenção. Primeiro, o objeto que se deseja comprar é bastante incomum dos dias de hoje, pois ninguém anuncia o desejo de comprar um boi de carroça, e sim automóveis. Outro aspecto é a descrição do boi desejado: “que seja gran- | de e novo, embora magro, mas sem achaques”. Essa estrutura sintática subordinativa (uso do “que” e 'embora”) e o vocábulo usado na descrição dão ao texto um tom de humor na atualidade que, provavelmente, não existia no século XIX. Isto demonstra uma forma de discurso característica da época.

Ex.7:

Boi

Compra-se um boi de carroça que seja gran- | de e novo, embora magro, mas sem achaques: | no  
armazem da bola amarella, n. 86, ca[ilegível] Vinte | Dois de novembro.

(Jornal do Recife – 17/05/1888 - Anúncio 8)

## SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Vamos agora sistematizar, Professor(a), alguns aspectos que podem ser trabalhados nas aulas:

1. A leitura dos textos nos revela os costumes e o consumo de cada época (compra e venda de pessoas e objetos). Na aula de história, por exemplo, isso pode render uma boa discussão.
2. Na aula de língua portuguesa, os anúncios podem nos ajudar a compreender vários aspectos:
  - na ortografia, perceber que a noção de erro depende das convenções de cada época;
  - na sintaxe, observar a tendência atual de usos de construções sintáticas mais simples (“Quem quizer comprar”/“Vende-se”);
  - na compreensão da descrição, os anúncios são ótimos textos para análise;
  - na leitura, os anúncios podem colaborar para os alunos compreenderem de forma ampla as diferentes sociedades evidenciadas nas informações que os textos revelam em diferentes épocas: o modo como as pessoas se vestiam, o que consumiam, que atividades comerciais e culturais eram propagadas nos anúncios etc.

Se a língua muda, os gêneros textuais em que essa língua se concretiza estão também sujeitos aos efeitos do tempo. E com os anúncios não poderia ser diferente. Não podemos, Professor(a), desconsiderar essas características da língua e dos gêneros textuais na linha tempo.

